

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**A produção da sexualidade feminina em *O Cortiço*: uma análise da relação homoerótica
entre Pombinha e Léonie**

Marcele Carvalho Da Silva

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Mário Kerber

Porto Alegre
Marcele Carvalho Da Silva

**A produção da sexualidade feminina em *O Cortiço*: uma análise da relação homoerótica
entre Pombinha e Léonie**

Monografia apresentada ao Departamento de História da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito
parcial para obtenção do grau de Licenciada de História.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Mário Kerber

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Carvalho da Silva, Marcele

A produção da sexualidade feminina em O Cortiço: uma análise da relação homoerótica entre Pombinha e Léonie / Marcele Carvalho da Silva. -- 2019.

58 f.

Orientador: Alessandro Mário Kerber.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em
História, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Homossexualidade feminina. 2. O Cortiço. 3.
Naturalismo. 4. Sexualidade. 5. gênero. I. Mário
Kerber, Alessandro, orient. II. Título.

Porto Alegre
Marcele Carvalho Da Silva

**A produção da sexualidade feminina em *O Cortiço*: uma análise da relação homoerótica
entre Pombinha e Léonie**

Monografia apresentada ao Departamento de História da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito
parcial para a obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Alessander Mário Kerber

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Alessander Mário Kerber (Orientador)

Prof.^a Dr.^a Natália Pietra Méndez

P

RESUMO

A presente pesquisa busca analisar a produção da narrativa sobre a experiência homoerótica entre as personagens Pombinha e Léonie em *O Cortiço*, obra de Aluísio de Azevedo e pertencente ao Naturalismo brasileiro do século XIX, um período marcado por uma produção de saberes sobre o sexo e que colocou a homossexual ao nível do patológico. Esse trabalho pretende colocar a experiência homoerótica entre as duas personagens como tema central, utilizando-se das contribuições de teóricos como Butler, Scott e, principalmente, Foucault, que enxerga o discurso em termos de poder. Levando em conta o seu significado de poder, como uma multiplicidade de correlação de forças, aos apoios que tais correlações encontram umas nas outras formando cadeias ou sistemas, ou ainda, as contradições que as isolam entre si, buscamos responder de que forma o discurso sobre a experiência homoerótica entre as personagens na obra se articula com os demais discursos sobre a homossexualidade feminina daquele período, principalmente o médico, o que nos permitiu encontrar uma real identificação entre os dois discursos. Ainda buscamos responder, em que medida esse discurso presente na obra se aproxima ou se distancia dos indícios trazidos pelas pesquisas sobre homossexualidade feminina no XIX, o que nos mostrou ser relevante para análise do discurso na obra, como por exemplo, a evidência de que a escolha dos personagens baseou-se em problemas reais do período, presentes nas teses médicas e também difundidos pela imprensa, como o de moças pobres influenciadas pelas prostitutas ao meretrício, e o da experiência homossexual entre jovens moças com mulheres mais experientes, entre elas, a prostituta: um perigo à moral que chegava a escancarar a relação com suas amantes pela cidade.

Palavras-chave: Homossexualidade Feminina; O Cortiço; Naturalismo; Sexualidade.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the narrative production of the homoerotic experience between the characters Pombinha and Léonie in *The Slum*, a work of Aluísio de Azevedo belonging to the Brazilian Naturalism of the XIX century, a period marked by a production of knowledge about sex and that has led the homosexuality to the pathological level. This study intends to set the homoerotic experience between the two characters as a central theme, using the contributions of theorists such as Butler, Scott and, especially, Foucault, that sees the discourse in terms of power. Considering its meaning of power, as a multiplicity of strength correlation, to the support that these correlations find on each other forming chains or systems, or even the contradictions that isolate themselves, we aim to answer in what way the discourse about the homoerotic experience between the characters in the work articulates with the other discourses about the feminine homosexuality of the same period, especially the medical one, which allowed us to find a real identification between the two discourses. We still look for finding out to what extent the discourse of the work approximates or distances itself from the evidence brought by researches about the feminine homosexuality on the XIX century, what has shown itself to be relevant for the analysis of the work's discourse, such as for example, the evidence that the characters choice was based on real problems of the period, present on the medical thesis and also spread by the press, such as poor ladies influenced by prostitutes to the prostitution, and the homosexual experienced between young ladies and more experient women, among them the prostitute: a danger to the moral that even exposed the relationship with her lovers on the city.

Keywords: Feminine Homosexuality; The Slum; Naturalism; Sexuality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. CAPÍTULO 1: CONTEXTO DA PRODUÇÃO DE UM SABER SOBRE O SEXO.....	14
1.1. Transformações sociais e econômicas da segunda metade do século XIX	14
1.2. A medicalização da sociedade	17
1.3. O Naturalismo e o seu cientificismo	19
1.4. Aluísio Azevedo.....	21
2. CAPÍTULO 2: FORÇAS DE APOIO E OPOSIÇÃO NO INTERIOR DO DISCURSO DE O CORTIÇO.....	24
2.1 A homossexual no discurso médico	26
2.1.1. A “Antifísica” e o desvio de seus papéis de mãe e esposa.....	27
2.1.2. As anomalias sexuais	29
2.2. A Histérica: Pombinha e a sua doença dos nervos.....	30
2.3. Ativa X Passiva em Léonie e Pombinha	34
2.4. A escolha das personagens e a presença homossexual no interior do discurso de <i>O Cortiço</i>	38
2.5. Léonie e Pombinha: personagens transgressoras ou degeneradas?.....	41
2.6. A moral positivista de Azevedo e a sua visão sobre homossexualidade feminina.....	49
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
BIBLIOGRAFIA	56

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, busco analisar a produção do discurso referente a experiência homoerótica feminina em *O cortiço* de Aluísio Azevedo, obra publicada em 1890¹ e, a partir da identificação de uma rede discursiva² existente no período oitocentista, que abrangia os campos da psiquiatria, da jurisprudência e da literatura, pretendo analisar como o discurso sobre a relação sexual entre as duas personagens Pombinha e Léonie se articula com esses demais discursos sobre a homossexualidade feminina, principalmente o médico, naquele contexto e sociedade. Pretendo ainda investigar, em que medida, esse discurso se aproxima ou se distancia dos indícios dessa experiência trazidos pelas pesquisas sobre homossexualidade feminina no século XIX.

O século XIX foi um período de produção de saberes em relação à sexualidade, não havendo outro momento de maior incitação a se falar e a se ouvir sobre sexo, segundo Foucault³. É perceptível uma série de discursos sobre o sexo na psiquiatria, na jurisprudência e na literatura, estando relacionado ao surgimento do que o autor denomina de dispositivo da sexualidade, correspondente a toda rede de instituições, de leis e discursos sobre o sexo. Na medicina, por exemplo, surge a figura do desviante e do perverso, a quem são destinadas explicações patológicas para seus desvios, no caso da mulher, para o seu desvio da orientação heterossexual e, por consequência, daquilo que seria seu principal papel social: a reprodução da espécie.

Esse trabalho pretende colocar a análise em torno da experiência homossexual entre Pombinha e Léonie como tema central da pesquisa devido à ausência de pesquisas sobre o tema, assim como a existência de leituras insatisfatórias sobre as personagens em pesquisas que se relacionam de alguma forma com a análise de personagens femininas em *O cortiço*, como as de que Pombinha e Léonie foram personagens transgressoras para o autor, ou a de que a prostituição foi apresentada de forma positiva por Azevedo, ou ainda, que a relação entre as duas personagens se baseou pela lógica do capital, e que fazia parte do processo criativo do

¹ A obra original foi utilizada para a pesquisa, que corresponde a um texto de 354 páginas, sem adição de imagens ilustrativas. Ver: AZEVEDO, Aluísio T. Gonçalves de. **O cortiço**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1890. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4817>>. Acesso em: 01 agosto 2019.

² Foucault menciona sobre uma produção discursiva sobre o sexo no século XIX, em especial, a homossexualidade. Rede discursiva representaria essa proliferação de discursos sobre o sexo, que aparece tanto na psiquiatria como nos campos da jurisprudência e da literatura, que foram apoiados e compartilhados entre os diversos campos mencionados, formando a cadeia, sistema (ou rede) descrita por Foucault. Ver: FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon. 4º ed. Rio de Janeiro/ São Paulo, Paz e Terra, 2017, pp.100-101.

³ FOUCAULT, 2017.

autor. Dessa forma, realizar essa pesquisa torna-se necessário, visto que essa obra é um clássico no nosso momento presente e foi um sucesso em tiragem na época de sua publicação, de acordo com o Diário de Notícias de 16 de maio de 1890, de três dias após a publicação da obra, foram cerca de 5.000 a 5.500 exemplares.⁴ E por haver a necessidade de uma releitura das duas personagens, desconstruindo a maneira pela qual foram representadas na obra, identificando os objetivos e motivos para a construção do discurso sobre homossexualidade feminina naquele contexto.

A análise do discurso será baseada, principalmente, nas contribuições de Foucault, com a sua análise do discurso sobre o sexo em termos de poder⁵ e não em termos de repressão. O autor entende por poder, a multiplicidade de correlações de forças, o jogo que as reforça ou as inverte, os apoios que tais correlações de forças encontram umas nas outras formando cadeias ou sistemas, ou ainda, as contradições que as isolam entre si, formando a oposição e a resistência. Segundo Foucault⁶, as correlações de poder não poderiam existir se não houvesse pontos de resistência, o adversário ou alvo dessas próprias produções de saberes e verdades. Um saber sobre o homossexual, por exemplo, só pode ser pensado e criado a partir da própria existência desse sujeito de quem se quer falar. Foucault traz a possibilidade de resistência no interior do próprio discurso de verdade, e que não há um dominante e dominado, estando esse último fora do discurso, em uma posição de exterioridade em relação ao poder.

A partir disso, buscarei identificar essas forças na produção do discurso presente em *O cortiço*, identificando a aproximação com o discurso médico, ou seja, as forças em apoio, tomando como partida e servindo de aprofundamento ao trabalho iniciado por Napolitano⁷, cujo trabalho tem por objetivo a análise do discurso médico sobre os vícios femininos no século XIX, e onde a autora chegou também a identificar - de forma bastante superficial - algumas aproximações entre o discurso médico e o literário, entre eles, o da obra *O Cortiço*. Onde identificou a associação da homossexual às atitudes e aspectos animais, a associação da prostituta à prática homossexual e o modelo ativo x passivo da relação hétero transportado para a relação homossexual. A minha pesquisa se propõe a uma análise e identificação mais aprofundada do discurso médico na obra, o que já foi identificado, e a analisar os motivos e objetivos que levaram a essa estratégia de colocar a homossexual em discurso, e sua

⁴ MÉRIAN, Jean-Yves. **Aluísio Azevedo**: vida e obra (1857-1913). Tradução de Claudia Poncioni. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional: Garamond, 2013, p.406.

⁵ FOUCAULT, 2017.

⁶ Ibid., p.104.

⁷ NAPOLITANO, Minisa N. **O médico e a mulher**: o discurso médico sobre os vícios femininos na sociedade carioca oitocentista. (Dissertação de mestrado) em História, Universidade Estadual de São Paulo. Franca, 2005, pp.84-87.

experiência associada a ao estado de anormalidade e ao patológico, analisando a relação desses motivos e objetivos médicos com a visão do autor sobre a mulher e sua sexualidade.

Assim como buscarei identificar as forças de oposição – a própria homossexual – no interior do discurso, identificando os motivos que levaram a produção desses discursos sobre a homossexual, baseando-me nas evidências trazidas pelas pesquisas sobre homossexualidade feminina no século XIX, como as de Figari⁸, que realiza uma genealogia do homoerotismo no Brasil do século XVII ao XX, concedendo preferência a análise de textos que privilegiem aspectos da vida privada e ou de costumes, e a de Mott⁹, que faz um levantamento sobre o lesbianismo na história do Brasil, trazendo indícios da homossexualidade feminina ao longo dos séculos, trazendo um pouco dos discursos de cada período, assim como registros de casos entre mulheres que se tornaram públicos, e também me apoiarei nas evidências trazidas pelas pesquisas sobre prostituição no período oitocentista, como a de Engel¹⁰, que analisa principalmente os discursos sobre a prostituição nesse período. As pesquisas em torno do homoerotismo feminino no século são escassas, e isso se deve à limitação de fontes sobre o tema em períodos mais longínquos da história do Brasil, conforme aponta Oliveira¹¹. Contudo, conforme a autora, é possível através da análise do “discurso do outro”, pois apesar dos silenciamentos em relação a homossexualidade feminina, os discursos da igreja e da medicina provam que as lésbicas existiram.

Referente à homossexualidade da mulher no interior do discurso médico, tornam-se importante as pesquisas de Machado et al.¹², que trata do surgimento da medicina social e da medicalização da sociedade no século XIX, quando a medicina sai em busca de uma sociedade sadia, sinalizando e tratando os sujeitos desviantes. Também são importantes as pesquisas de Martins¹³ e a de Napolitano¹⁴, que focam mais na análise da mulher no interior do discurso

⁸ FIGARI, Carlos. **As outras cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro – séculos XVII ao XX**. Belo horizonte: UFMG, 2007.

⁹ MOTT, Luiz. **O lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

¹⁰ ENGEL, Magali. **Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

¹¹ OLIVEIRA, Cláudia F. de. A Homossexualidade feminina na história do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania. **Les Online**, [Lisboa], v. 7, n. 2, p. 2-19, 2015.

¹² MACHADO, Roberto; LOUREIRO, Ângela; LUZ, Rogério; MURICY, Kátia. **Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

¹³ MARTINS, Ana Paula V. **Visões do feminino: a medicina da mulher no século XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. (Coleção História e Saúde).

¹⁴ NAPOLITANO, Minisa N. **O médico e a mulher: o discurso médico sobre os vícios femininos na sociedade carioca oitocentista**. (Dissertação de mestrado) em História, Universidade Estadual de São Paulo. Franca, 2005.

médico oitocentista. Referente à vida, obra e visão de mundo do autor, será utilizada principalmente a pesquisa de Mérian¹⁵.

A Nova história cultural, a partir dos anos 80, trouxe não apenas uma diversificação das fontes históricas, mas também novos temas, como os ligados ao sexo e à sexualidade, como também uma revisão em torno das identidades fixas que, segundo Burke¹⁶, um traço importante da NHC é a preocupação com a construção da identidade. Tornando-se assim relevante a pesquisa em torno da representação da experiência homoerótica feminina em *o cortiço*, visto que o homossexual (criação do século XIX)¹⁷ surge na figura do desviante, do perverso e do doente no referido período, sendo a mulher que experimenta uma relação com outra, seja para fins sexual ou romântico, um ser que não estaria em sua normalidade e estaria se desviando de suas funções sociais almejados pela sociedade: a de ser esposa e mãe¹⁸. O próprio termo homossexual acaba por assumir características identitárias, sendo também uma construção ocidental para designar um sujeito oposto ao heterossexual.

O Naturalismo brasileiro do período, com seu método de observação e análise e seu forte cientificismo, abrigou as teorias em voga nas décadas finais do período, como o positivismo, o darwinismo social, e o determinismo de Taine. O Realismo buscou por uma descrição objetiva da realidade, apoiada em um cientificismo, mas o naturalismo, uma tendência do Realismo, trouxe ainda mais forte esse cientificismo no interior de suas obras. Dessa forma, o discurso médico estava presente na maioria das obras, pois os naturalistas acreditavam também que os comportamentos humanos eram determinados pelas leis da biologia¹⁹.

Dentre as pesquisas que me levaram a pensar na realização desse trabalho, e que estão relacionados de alguma forma com o meu tema de pesquisa, embora com objetivos, métodos e

¹⁵ MÉRIAN, Jean-Yves. **Aluísio Azevedo: vida e obra (1857-1913)**. Tradução de Claudia Poncioni. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional: Garamond, 2013. 616 p.

¹⁶ BURKE, PETER. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p.116.

¹⁷ Foucault afirma que o famoso artigo de Westphal sobre as sensações sexuais contrárias de 1870, pode ser considerado como data vitalícia da categoria psiquiátrica e médica da homossexualidade. Ver: FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon. 4º ed. Rio de Janeiro/ São Paulo, Paz e Terra, 2017, p. 48. Já Fry menciona que o termo homossexual foi utilizado pela primeira vez em 1869 por um médico húngaro, Karoly Maria Benkert. Ver: FRY, Peter. **O que é a homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985, p.62.

¹⁸ MARTINS, Ana Paula V. **Visões do feminino: a medicina da mulher no século XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. (Coleção História e Saúde).

¹⁹ NAZARIO, Luiz. Quadro histórico do período naturalista. In: GUINSBURG, J.; FARIA, João R. (org.). **O Naturalismo**. 1.ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

interpretações distintas, estão a de Bezerra²⁰, que aborda sobre a questão do erotismo dentro do contexto da modernização e das transformações espacial-urbanas, de forma geral, no interior da obra o cortiço. A sua análise sobre a relação homoerótica entre Pombinha e Léonie, assim como as dos demais personagens da obra, gira em torno do capital, eixo narrativo delimitado por Antônio cândido, principal referência do autor. De acordo com Bezerra, não há reprodução estrita do ideário científico, que reduziria a obra a um quadro descritivo ao invés de uma autêntica obra²¹, sendo a relação entre Pombinha e Léonie, uma relação orquestrada em torno do poder do dinheiro, assim como também deduz Luiz Mott²², em seu segundo capítulo sobre as lésbicas na literatura, ao abordar sobre a relação homoerótica entre a prostituta de luxo de grande poder aquisitivo e a jovem virgem.

Embora o poder do capital esteja presente na obra, torná-lo crucial para interpretação da narrativa, é conceder limites à análise, deixando de lado todos os outros fatores determinantes para a construção daquele discurso, visto que o capitalismo incipiente faz parte do contexto de produção da obra e das transformações ocorridas nas últimas décadas do século XIX, sendo apenas um fator pertencente ao quadro descritivo da realidade almejado pelo autor. Colocar a influência do ideário científico e das teorias em voga na época em segundo plano é tornar a análise limitada, é excluir um dos fatores cruciais e importante para a construção daquele discurso. Discordo da afirmação de Bezerra, de que não houve uma reprodução do ideário científico na obra, principalmente no campo do erótico, o que pode ser evidenciado através das contribuições de Mérian, onde o autor menciona os estudos de Azevedo sobre o papel da mulher e seu lugar na sociedade muito antes de virar romancista, assumindo características de sociólogo, e que seu método de abordagem das realidades sociais era inspirado pelos princípios filosóficos de Comte e pelas leituras de Darwin e Spencer, sendo essas últimas as que levaram o autor tomar consciência dos determinismos que agiam na sociedade em que vivia²³; e a menção que o autor faz sobre Aluísio consultar médicos e principalmente a documentação escrita para escrever sobre a histeria em *O homem*²⁴, tornando-se evidente a influência que o ideário científico possui na composição de suas narrativas.

Outras pesquisas caracterizam ainda a relação homoerótica entre as duas personagens como uma descrição da realidade homossexual da época, de como ela provavelmente seria,

²⁰ BEZERRA, Vinícius P. **Fronteiras do erótico**: ensaio sobre a correlação entre espaço e erotismo no cortiço de Aluísio Azevedo. Dissertação (Mestrado em história social), Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2012.

²¹ Ibid., p.75.

²² MOTT, 1987, p.76-77.

²³ MÉRIAN, 2013, p.156.

²⁴ Ibid., p.480.

associando geralmente a uma quebra de paradigmas e a uma transgressão por parte das personagens femininas, que contrariaram valores e expectativas presentes naquela sociedade do contexto de produção da obra, como as dissertações de Franco²⁵ e de Chapski²⁶, que analisam a figura feminina na obra, e ao analisarem as personagens envolvidas em uma relação homoerótica, elevam estas a uma categoria de transgressoras, mulheres que romperam com valores de sua época na narrativa azevediana. Muito similar é a abordagem realizada no artigo de Nascimento e Carvalho²⁷ que, ao analisarem a sexualidade em torno da personagem Pombinha, afirmam que a personagem teve uma evolução durante a narrativa, se desvinculando de padrões sociais da época ao obter sua independência e por escolher uma opção sexual adversa às normas e regras da época.

Discordo da ideia de que as personagens eram transgressoras, e a de que a relação homoerótica feminina em *O cortiço* é uma descrição de como poderia ter sido a experiência sexual entre duas mulheres naquele contexto, uma retrato descritivo da realidade, pois ao afirmar isso, estaríamos negando os objetivos por detrás de uma produção de saber, as relações de poder ali implícitas e a influência da visão de mundo do autor na produção do discurso.

No naturalismo, embora os escritores tivessem um método de elaboração de suas narrativas, que se baseava na observação empírica dos fatos naturais²⁸, e utilizassem a ciência para este fim, não significa que, por exemplo, o conhecimento científico sobre a homossexualidade não fosse contestável e não tivesse encobertos objetivos por detrás daquela produção do saber. Ou ainda que não houvesse a própria pincelada ideológica por parte do autor, a própria influência do modo como esse autor enxergava o mundo, nesse caso, a questão do sexo e da relação entre duas mulheres. E Pombinha não aparece como uma personagem transgressora de forma positiva, mas sim como uma personagem que, por influência do meio torpe em que vivia, entrou em contato com o mundo do vício e passou a viver uma vida de imoralidades.

A fim de desconstruir esses discursos em torno da experiência homoerótica entre duas mulheres em *O cortiço*, a minha pesquisa se baseará em um referencial teórico pós-

²⁵ FRANCO, Julimar Cezario de Souza. **A emblemática figura feminina em o cortiço e Germinal**. Dissertação (Mestrado em letras), Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

²⁶ CHAPSKI, Rita. **Revisitação do romance o cortiço, de Aluísio de Azevedo: da estética naturalista à estética tropicalista**. Dissertação (Mestrado em literatura e crítica literária), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2014.

²⁷ NASCIMENTO, Juscelino F. de; CARVALHO, Igor kisser M. A construção e o desenvolvimento da sexualidade a partir da perspectiva da personagem Pombinha em o cortiço, de Aluísio Azevedo. **Revista Água Viva**, vol.3, Edição especial 2018.

²⁸ CUNHA, Newton. Os fundamentos filosóficos e científicos do naturalismo. In: GUINSBURG, J.; FARIA, João R. (org.). **O Naturalismo**. 1.ed. São Paulo: Perspectiva, 2017, p.39.

estruturalista, que caminha em direção à descentralização do sujeito e à ideia de que o sujeito é construído por um conjunto de significados e representações culturais atravessadas por relações de poder. O que me levará a trabalhar com os seguintes conceitos: o de representação, de gênero e de poder.

Além do conceito de poder em Foucault, será também utilizada a noção de representação em Chartier²⁹, visto que esse autor aborda sobre a ideia de construção cultural da realidade e que os discursos não são neutros. Articulando-se também com o conceito de poder em Foucault, ao afirmar que as representações “são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”³⁰. Assim como o conceito de gênero em Scott, um campo por meio do qual o poder articulado³¹, e em Butler³², como atos performativos, negando a ideia do gênero como a inscrição cultural de significado sobre um sexo previamente dado, e a ideia da existência de um sexo pré-discursivo (anterior à cultura), dessa forma, trazendo também a ideia do sexo como construção social.

Quanto à divisão do trabalho, será dividido em dois capítulos. O primeiro capítulo busca identificar o contexto de produção do discurso, ou seja, as transformações ocorridas na segunda metade do século XIX, ligadas ao processo de urbanização e crescimento das cidades, que está associado ao crescimento da prostituição e a “um afrouxamento dos costumes”; o surgimento da medicina social, momento em que o médico assume o papel de guardião da saúde pública; as teorias em voga no período, como o positivismo, darwinismo e determinismo; o Naturalismo e a vida do autor.

Já no segundo capítulo, busco analisar as forças de apoio e oposição no interior do discurso de *O Cortiço*, onde analisarei o discurso médico sobre a mulher homossexual e identificarei esse discurso na obra de Azevedo; identificarei a oposição (a homossexual) no discurso, através da análise das evidências trazidas pelas pesquisas sobre homossexualidade feminina no século XIX, o que poderia ter levado à construção daquele discurso; assim como a visão de mundo do autor sobre a mulher, seu papel na sociedade e sobre sua sexualidade, a fim de também identificar a sua interferência na escolha pela abordagem desse tema e na construção de sua narrativa em *O cortiço*.

²⁹ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. 2.ed. Portugal: DIFEL, 2002.

³⁰ Ibid., p.17.

³¹ SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol.20, n.2, jul./dez. 1995, p.86

³² BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

1. CAPÍTULO 1:

CONTEXTO DA PRODUÇÃO DE UM SABER SOBRE O SEXO

1.1. Transformações sociais e econômicas da segunda metade do século XIX

O Brasil passou por significativas transformações no decorrer da segunda metade do século XIX, mudanças já impulsionadas a partir da vinda da família real e do processo de independência, quando houve a urgente necessidade de se desvincular da sua imagem de colônia devido a ter se elevado à categoria de Estado nação. É implementado, então, uma série de melhorias na sua estrutura, com a finalidade de administrá-lo e de se tornar um espelho das grandes nações europeias, entre elas, estava o melhoramento das cidades e o cuidado com a saúde pública.

O processo de urbanização, o crescimento das cidades e seu conseqüente aumento populacional estavam diretamente ligados ao estabelecimento de medidas de controle sobre os corpos. Transformações ocorridas na segunda metade do século XIX, permitiram um desenvolvimento do mercado interno e o conseqüente processo de urbanização. De acordo com Costa³³, esses fenômenos são:

Primeiro, a transição do trabalho escravo para o trabalho livre: a cessação do tráfico em 1850, a abolição em 1888 e a entrada de numerosos imigrantes no sul do país. Em segundo lugar, a instalação da rede ferroviária, iniciada em 1852 e que no final do século atingiria mais de nove mil quilômetros construídos e quinze mil em construção. Finalmente, as tentativas, bem-sucedidas, de industrialização e o desenvolvimento do sistema de crédito³⁴.

Uma das razões, como apontou Costa, estava relacionada com a transição do trabalho escravo para o trabalho livre. A partir da lei Eusébio de Queirós de 1850, que proibiu o tráfico de escravos, é percebido um grande aumento na chegada de imigrantes no país. A imigração já incentivada desde a chegada da família real, devido a intenção de colonizar as grandes extensões de terra despovoadas, terá um aumento significativo a partir da segunda metade do século, e o porquê disso está no aumento significativo do preço dos escravos, por que de acordo com Costa: “ Em vinte anos, de 1855 a 1875, ele quase triplicou, passou de um conto a 2,5 e

³³ COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. 6.ed. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1999.

³⁴ *Ibid.*, p. 251.

até três”³⁵, tornando-se cada vez mais necessário conseguir meios de substituição do trabalho escravo nas lavouras de café. E isso só se acentuaria com a pressão do movimento abolicionista e a conseqüente abolição da escravatura em 1888. Segundo Carvalho, em 1890, ano de publicação da obra *O cortiço*, já 28,7% da população era nascida no exterior.³⁶ Costa, ainda aponta que só na cidade do RJ, nesse mesmo ano, de uma população de 522 mil habitantes, 124 mil eram estrangeiros³⁷, um aumento quando comparado ao ano de 1872, quando o número de estrangeiros eram de 84 mil.

Imigrantes foram destinados a trabalharem nas lavouras de café, em função de substituir a mão-de- obra escrava, porém as precárias condições que esses estrangeiros viviam nessas plantações de café, conforme aponta Costa³⁸, fez com que muitos migrassem para outras áreas. Outros localizaram-se em núcleos urbanos, onde se dedicavam ao comércio e ao artesanato, e muitos deles, segundo a autora, já vinham com esse objetivo, como os comerciantes e artesões ingleses e franceses que se estabeleceram no Brasil ao longo do século XIX. Ainda havia uma parcela de imigrantes enviados ao sul do País, que receberam lotes de terras para colonizar, permitindo assim que criassem núcleos urbanos. Os imigrantes estão, dessa forma, relacionados com a substituição pelo trabalho livre e com o desenvolvimento do mercado interno, assim como com o processo de urbanização. Porém, o processo de desenvolvimento das cidades é ainda basicamente devido à expansão do mercado internacional e do desenvolvimento da economia de exportação de produtos tropicais destinados aos mercados europeu e americano do Norte e setores subsidiários, do que devido ao desenvolvimento do mercado interno, apesar deste ter contribuído³⁹

Outro fator que contribuiu para o processo de urbanização foi o aperfeiçoamento do sistema de transportes, com a criação das ferrovias, que está relacionado ao aumento da demanda de café no mercado internacional. Conforme costa⁴⁰, foi responsável pelo nascimento de cidades e pela facilidade nas comunicações, o que fez com que fazendeiros transferissem suas casas para centros mais importantes, e com isso, passou-se a se buscar promover melhoramentos nos centros urbanos.

Aumentou o interesse pelas diversões públicas, a construção de hotéis, jardins e passeios públicos, teatros e cafés. Melhorou o sistema de calçamento, iluminação e

³⁵ Ibid., p. 299.

³⁶ CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi.** São Paulo: Companhia das letras, 1987, p.17.

³⁷ COSTA, op.cit., p. 253.

³⁸ Ibid., p.152.

³⁹ COSTA, 1999, p. 260.

⁴⁰ Ibid., p. 256.

abastecimento de água. Aperfeiçoaram-se os transportes urbanos. O comércio urbano ganhou novas dimensões, bem como o artesanato e a manufatura. [...] Na década de 1880, criam-se serviços telefônicos em São Paulo, Salvador, Rio de Janeiro e Campinas (então importante centro da área cafeeira). Na década anterior o telégrafo ligava o Brasil com a Europa e estabelecia comunicação entre vários centros do país. O sistema de iluminação pública foi também melhorado nos centros mais importantes⁴¹

É preciso ainda acrescentar, outro aspecto importante, que foi o surgimento das indústrias, localizadas nos principais centros urbanos que, ainda segundo a autora, deu-se com:

O aperfeiçoamento dos métodos de transporte, com o aparecimento das vias férreas, as modificações introduzidas no processo de fabrico de açúcar e beneficiamento de café, a intensificação no ritmo das construções civis e, finalmente, os melhoramentos urbanos estimulariam por sua vez o aparecimento de indústrias subsidiárias⁴².

Contudo, o desenvolvimento industrial, na segunda metade do século XIX, ainda é muito incipiente, o crescimento do setor industrial somente será mais expressivo no século XX. A questão do incipiente desenvolvimento industrial aliado ao problema do considerável crescimento populacional e o da escassez de empregos, terá como consequência o aumento do custo de vida e de uma grande massa de pessoas desocupadas e em situação de miséria nas cidades. De acordo com Carvalho⁴³, a população da cidade do Rio de Janeiro quase dobrou, entre os anos de 1872 e 1890, passando de 266 mil a 522 mil habitantes.

Esse significativo aumento populacional e o aumento do custo de vida ocasionou o problema da falta de habitações e, por consequência, a criação de cortiços, habitações onde viviam muitas pessoas em situação precária e em péssimas condições de higiene. Sobre a vida nos cortiços da cidade do Rio de Janeiro, Mérian descreve que:

Nas cidades, para o proletariado em formação, a situação não era mais brilhante. Na *Gazeta de Notícias*, Ferreira de Araújo descreveu a vida nos cortiços, que despontavam às dezenas no Rio de Janeiro no final do Império. As autoridades não tinham previsto nada para responder ao rápido crescimento da população sob o duplo efeito conjugado da imigração europeia e do êxodo rural. Nesses “cortiços” - verdadeiras colmeias humanas – viviam mais de 10% da população da capital, em condições precárias de higiene. As epidemias de febre amarela faziam geralmente grandes estragos ali. A instrução era um “luxo” que escapava a esses habitantes com recursos incertos, mais preocupados com a própria sobrevivência do que com o desejo de aprender a ler e a escrever.⁴⁴

⁴¹ Ibid., p.257.

⁴² Ibid., p. 259.

⁴³ CARVALHO, 1987, p.16.

⁴⁴ MÉRIAN, 2013, p.312.

Como apontou o autor, o rápido crescimento populacional devido ao impacto da imigração e da migração do campo para cidade e o problema da falta de moradia e da insalubridade nesses cortiços, tornou-se um problema para as autoridades e para o projeto de modernização das cidades. A cidade, de um lado, representava a modernização e o progresso com a criação de cafés, teatros entre outros estabelecimentos, e de outro, o retrocesso, com uma porção de casebres, centro de epidemias e falta de higiene. E será essa realidade o palco da obra de Aluísio de Azevedo e de toda a sua criação de determinismos na obra *O cortiço*.

Os cortiços significavam um entrave ao progresso e à tentativa de fazer a cidade do Rio de Janeiro um espelho de Paris que, de acordo com Martins⁴⁵, era a inspiração após a grande reforma urbana que passou essa cidade entre os anos de 1853 a 1870. E as autoridades, então, buscaram aliados para atingir seu objetivo de modernização. De acordo com Del Priore,⁴⁶ [...] na década de 1880, as autoridades tentavam associar a vida urbana às noções como progresso e civilização. Ora, a ciência e a higiene tinham de ser aliadas nessa caminhada.⁴⁶ E é essa mesma década que a obra *o cortiço* é produzida, quando a ciência e a medicina estão agindo como guardiãs da saúde pública em prol desse progresso e na tentativa de barrar os efeitos desse afrouxamento dos costumes trazido com o crescimento das cidades.

1.2. A medicalização da sociedade

Desde a chegada da corte portuguesa no Brasil em 1808, pode-se perceber o estabelecimento de medidas, a fim de cuidar e promover a saúde do povo, quando passa a ser implementada uma polícia médica, que pode ser definida como “o conjunto de teorias, políticas e práticas que se aplicam à saúde e bem-estar da população”⁴⁷, como a criação da Provedoria da Saúde, em 1809, órgão encarregado de exercer a polícia médica⁴⁸, e a criação das Faculdades de Medicina em 1832.

Nesses primeiros anos, após a chegada da família real, já é então possível perceber uma tentativa de modernização e a criação de medidas para cuidado da saúde da população, porém somente poderemos falar em uma medicina social a partir da criação da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro em 1829, “sem dúvida o grupo mais representativo desse novo

⁴⁵ MARTINS, Guilherme G. **Vulgarização e triunfo das ciências**: A imprensa científica na segunda metade do século XIX. (Dissertação de Mestrado) em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017, p.25-26.

⁴⁶ DEL PRIORE, Mary. **Histórias da gente brasileira**: volume 2: Império. São Paulo: Le Ya, 2016, p. 442.

⁴⁷ MACHADO, Roberto; LOUREIRO, Ângela; LUZ, Rogério; MURICY, Kátia. **Danação da norma**: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978, p.167.

⁴⁸ Ibid., p.170.

estilo de medicina que lutará, de diversas maneiras, para impor-se como guardiã da saúde pública.”⁴⁹

A característica mais geral desta transformação é o fato de a medicina se tornar social. A prática médica não deve mais se restringir a considerar a doença isoladamente, como uma essência independente, e a atuar sobre ela depois que tenha eclodido. O fundamental será, não a ação direta sobre a doença para restabelecer a saúde, mas, antes de tudo, impedir o seu aparecimento, controlar sua manifestação.⁵⁰

É nesse sentido de se evitar e controlar a manifestação da doença, ou melhor, do que é considerado um problema para aquelas elites nas cidades, que a ciência se tornará um apoio ao governo, a medicina, então, “ situa as causas da doença não no próprio corpo doente, mas naquilo que o cerca, em sua circunvizinhança, no meio ambiente.”⁵¹ Ou seja, a causa dos vícios torna-se fruto do meio em que o doente se encontra, torna-se fruto dos males da cidade.

Esse quadro é o retrato daquilo que Foucault denominou de *Scientia sexualis*, desenvolvida a partir do século XIX, que correspondeu à construção de discursos de verdade sobre o sexo, ajustando o que se fazia na confissão às regras do discurso científico, ou seja, a confissão obrigatória, a incitação a se falar sobre o sexo, a fim de determinar as causas patológicas daquilo que é gerado pelo instinto. A sexualidade “foi definida como sendo, ‘por natureza’, um domínio penetrável por processos patológicos, solicitando, portanto, intervenções terapêuticas ou de normalização; um campo de significações a decifrar”⁵².

[...]os médicos, que, em seu esforço higienizador, atuaram no sentido de estudar e catalogar os comportamentos sociais. [...] e tratar tudo aquilo que escapasse ao que entendiam por normal - desde hábitos pouco civilizados, pouco europeus, até os ditos vícios da população (prostituição, onanismo, alcoolismo, pederastia, tribadismo, safismo, ninfomania, alienismo etc.), passando pela constante desordem da cidade, causa de muitas doenças.⁵³

O estudo dos comportamentos sexuais se intensificou após a criação da cadeira de Clínica Psiquiátrica nos cursos de Medicina, desde 1879. Os vícios, então, passam a ser associados a distúrbios psiquiátricos, e o psiquiatra passa a ser aquele que determina o que é ou não natural, o que está ou não fora do quadro da normalidade. Os males da prostituição, dos vícios do onanismo (masturbação), da ninfomania (doença da mulher insaciável), do tribadismo

⁴⁹ Ibid., p.185.

⁵⁰ MACHADO et.al; 1978, p.248.

⁵¹ Ibid., p.248.

⁵² FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon. 4º ed. Rio de Janeiro/ São Paulo, Paz e Terra, 2017, p.77.

⁵³ NAPOLITANO, Minisa N. **O médico e a mulher: o discurso médico sobre os vícios femininos na sociedade carioca oitocentista**. (Dissertação de mestrado) em História, Universidade Estadual de São Paulo. Franca, 2005.

(o roçar dos órgãos sexuais entre duas mulheres) e o safismo (relação entre uma mulher passiva e outra mulher na posição de ativa) faziam parte do quadro de distúrbios femininos que necessitavam de intervenção e da profusão de discursos médicos sobre, no período de transformações, que foi a segunda metade do século XIX.

1.3. O Naturalismo e o seu cientificismo

A partir da proibição do tráfico negreiro, do aceleramento da decadência da economia açucareira, e o desgaste da Guerra do Paraguai, percebe-se o início da ruína do regime monárquico e a presença de ideias abolicionistas, liberais e republicanas.

De 1870 a 1890 serão essas as teses esposadas pela inteligência nacional, cada vez mais permeável ao pensamento europeu que na época se constelava em torno da filosofia positiva e do evolucionismo. Comte, Taine, Spencer, Darwin [...] Os anos 60 tinham sido fecundos como preparação de uma ruptura mental com o regime escravocrata e as instituições políticas que a sustentavam.⁵⁴

A filosofia positiva tem seu início na abertura do *cours de philosophie positive* (curso de filosofia positiva) em 1830. Comte buscava uma reorganização da sociedade, e para que isso ocorresse, somente poderia ser através da contribuição do conhecimento e da ciência. Para Comte, a história possui três estados evolutivos: o teológico, o metafísico e o positivo. Caminhar em direção ao estado positivo, é caminhar rumo ao progresso, e afastar-se cada vez mais de dogmatismos e se aproximar das ciências. De acordo com Petit⁵⁵, O qualificativo “positivo” era aquele ligado às garantias da experiência e da ciência, e “a aplicação técnica do conhecimento científico é a única ou, pelo menos, a melhor solução para os problemas humanos e seus interesses concretos”.⁵⁶ Ainda segundo Petit, somente em 1848 é que o positivismo se manifesta de fato e “seus partidários multiplicam os esforços para instituir a sociedade tal qual desejam que ela seja”⁵⁷, é quando se une uma “filosofia” e uma “política”.

E é em meio as transformações ocorridas na segunda metade do século XIX, que as ideias positivistas passaram a ser adotadas por todos aqueles que buscavam por mudanças

⁵⁴ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 41 ed. São Paulo: Cultrix, 2003, p.163.

⁵⁵ PETIT, Annie. História de um sistema: o positivismo comtiano. In: TRINDADE, Hégio (org.). **O positivismo: teoria e prática: sesquicentenário da morte de Augusto comte**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Brasília, UNESCO, 2007, P.34.

⁵⁶ CUNHA, Newton. Os fundamentos filosóficos e científicos do naturalismo. In: GUINSBURG, J.; FARIA, João R. (org.). **O Naturalismo**. 1.ed. São Paulo: Perspectiva, 2017, p.40.

⁵⁷ PETIT, op.cit., p.55.

políticas, econômicas e sociais, que direcionassem o país rumo à modernização e ao estado do progresso.

As ideias evolucionistas estavam presentes também na sociedade brasileira oitocentista, desde a publicação de *A origem das espécies de Darwin* (1859), que trouxe a ideia de que os seres vivos que melhor se adaptam ao meio, são os que sobrevivem. Ideia que foi transposta para outros campos, como o do social, a exemplo da teoria do Darwinismo social, que aplicava a ideia de evolução ao analisar grupos sociais e civilizações, estipulando valores entre estas e criando uma hierarquia entre as raças. O maior representante dessa teoria foi Hebert Spencer.

Entre os principais teóricos desta linha, as obras do filósofo social inglês Hebert Spencer tiveram uma maior circulação no Brasil. Em sua obra *lei e causa do progresso*, Spencer elucida a ligação entre evolução e o progresso ao inferir sobre a necessidade da separação entre os homens superiores e os que pertenciam às raças inferiores para o progresso de uma nação.⁵⁸

Outro contribuinte para o ideário dominante na segunda metade do século XIX, foi Hippolyte Adolphe Taine, responsável pelo determinismo envolto a três fatores: a raça, o meio e o momento histórico. Com “*Historia da Literatura inglesa* (1864) e *Filosofia da arte* (1865), o autor fez uma abordagem científica da obra artística, entendendo-a como resultado da interação entre raça biológica, ambiente social e situação histórica, na célebre fórmula que conjuga raça, meio e momento.”⁵⁹ O estudo dos fenômenos sociais foram a base dessas teorias em voga na segunda metade do século, uma análise marcada por um forte racismo e impregnada de determinismos.

Essas transformações não poderiam escapar aos homens das letras, então, “os anos 70 trouxeram a viragem anti-romântica que se definiu em todos os níveis. Chamou-se realista e depois naturalista na ficção, parnasiana na poesia, positiva e materialista na filosofia.”⁶⁰ A ficção do romantismo baseada na idealização passou a ser substituída pela ficção realista, que buscava por uma descrição mais próxima do real da sociedade e dos indivíduos, através da observação e análise, o escritor realista “se sentirá no dever de descobrir-lhes a verdade, no sentido positivista de dissecar os móveis do seu comportamento.”⁶¹

O realismo e o naturalismo, uma tendência do realismo, ambos buscavam por uma descrição objetiva da realidade, amparada por um cientificismo e pelo interesse por temas voltados às questões sociais ou políticas, ao cotidiano e ao urbano. A diferença entre os dois,

⁵⁸ MARTINS, 2017, p.41.

⁵⁹ PELLINI, 2010 apud SIEGA et. al., 2017, p.134.

⁶⁰ BOSI, 2003, p. 245.

⁶¹ Ibid., p. 169.

“se diferença existe, ela é de grau. Dito de outro modo, o naturalista quer-se ainda mais um objetivista, convoca ainda mais a ciência”⁶². O personagem e o seu desfecho, na ficção naturalista, serão determinados, observando-se as leis naturais que o regem, em torno da raça, do meio e momento em que vive. O seu desfecho corresponderá ao determinismo desses três fatores e seu comportamento será determinado pelas leis da biologia, pelas causas de ordem moral e social.

A influência de Zola foi predominante no naturalismo brasileiro, “Há fortes evidências de que, mesmo antes de começar a publicar os **Rougon- Macquart**, Zola já fosse lido no Brasil, nos jornais e revistas francesas que aqui chegavam”⁶³. O autor ainda complementa que a primeira novela de Zola foi *Les Veuves*, publicada em 24 de setembro de 1865, no Figaro. *Os Rougon Macquart*, ciclo de romances mais famosos de Zola, seria composto de 20 volumes, publicados entre 1870 e 1893, fazendo parte os romances *L’Assomoir* e *Germinal*. Zola interrogou-se sobre a fisiologia dos seus personagens, e Segundo Motta, a caracterização do naturalismo Zolaniano “é de um lado, transposição para a literatura dos métodos científicos, de outro lado, submissão dos fenômenos naturais aos atos humanos.”⁶⁴

De acordo com Nazario, “Os naturalistas acreditavam que o indivíduo era produto do meio e da hereditariedade e que o comportamento humano era determinado pela biologia e pelas engrenagens da sociedade”.⁶⁵ Dessa forma, na literatura naturalista, predominará o fisiológico, o positivismo e o determinismo de Taine, onde um dos fatores, o meio onde o sujeito se encontra, será determinante para o compreender e para compreender seu desfecho. E é, desse modo, fazendo-se uso da biologia que, segundo o autor⁶⁶, predominará na literatura naturalista, a natureza animal do homem e abordagens ligadas ao seu instinto, à sua sexualidade e às suas paixões, e temas como o da homossexualidade e do lesbianismo.

1.4. Aluísio Azevedo

Aluísio Tancredo de Azevedo era um maranhense, nascido em São Luís, em 1857. Azevedo foi um caricaturista, teatrólogo, cronista e romancista, que basicamente viveu das

⁶² MOTTA, Leda T. da. Para uma epistemologia do Naturalismo. In: GUINSBURG, J.; FARIA, João R. (org.). **O Naturalismo**. 1.ed. São Paulo: Perspectiva, 2017, p.60.

⁶³ SILVA, Eduardo Cesar F. da. **A obra de Émile Zola no Brasil**: Textos e notas para um estudo de recepção crítica. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999, p.25.

⁶⁴ MOTTA, 2017, p.53.

⁶⁵ NAZARIO, Luiz. Quadro histórico do período naturalista. In: GUINSBURG, J.; FARIA, João R. (org.). **O Naturalismo**. 1.ed. São Paulo: Perspectiva, 2017, p.30.

⁶⁶ Ibid, p.30.

letras. Filho de David Gonçalves de Azevedo, vice-cônsul e um comerciante português estimado pela sociedade maranhense, “pelo papel que havia desempenhado durante o período turbulento dos anos 40 e pela sua interessante ação em prol do progresso social e cultural de São Luís”⁶⁷, e de Emília Amália Pinto de Magalhães, também portuguesa, que veio ao Brasil ao 15 anos de idade, que de acordo com Agibert, foi quem incentivou Aluísio e seu irmão Arthur a ter o gosto pela leitura⁶⁸. Além de uma biblioteca em casa, havia o Gabinete português de leitura, criado em 1852, por iniciativa de seu pai. Esse gabinete possuía, em 1867, 4.892 volumes, e que, segundo Mérian⁶⁹, contavam com romances, folhetins e poesias em português ou traduzidos do francês, “em alguns casos, a diferença cronológica com a Europa era de algumas semanas apenas, o tempo da travessia”⁷⁰. O que comprova o contato com diversas obras francesas e portuguesas por Aluísio, apesar de não ter frequentado uma faculdade, pois sua família não era rica, o comércio de seu pai havia falido na época que se tornou vice-cônsul, mas era uma família muito culta.

Azevedo, antes de ir para o Rio de Janeiro, trabalhou em diversos empregos temporários, entre eles o de guarda-livros, e aprendeu um pouco sobre desenho e pintura, sua preocupação inicial⁷¹. Com 19 anos, finalmente vai à capital, ficando lá por dois anos (1876-1878). Seu irmão Arthur que começava a ser conhecido como jornalista, autor dramático e poeta no Rio, contribuiu para que Aluísio entrasse em contato com diversos jovens intelectuais, escritores, artistas, políticos que contribuíram para fortalecer suas ideias abolicionistas e republicanas, como seu amigo José do Patrocínio, um dos jornalistas abolicionistas mais ativos, e Teixeira Mendes, que fundaria logo depois a igreja positivista no Brasil, com Miguel Lemos.⁷²

Aluísio era contra a monarquia, a escravidão e o poder da igreja. Azevedo era um positivista em busca de transformações, “Não deixava, entretanto, de considerar que apenas uma república positivista estaria em condições de operar no Brasil mudanças profundas, inconcebíveis da parte de uma monarquia que não havia sabido libertar realmente o Estado do domínio da igreja e que não havia ousado atacar de frente a escravidão”.⁷³

⁶⁷ MÉRIAN, 2013, p.33.

⁶⁸ AGIBERT, Cibele P. **O cortiço de Aluísio Azevedo (1890):** relações entre ciência e literatura. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010, p.6.

⁶⁹ MÉRIAN, op. Cit., p.46.

⁷⁰ Ibid., p.47.

⁷¹ Ibid., p.87.

⁷² Ibid., p.95-96.

⁷³ MÉRIAN, 2013, p.146.

Na sua primeira ida ao Rio, Aluísio se destacou como caricaturista e através dessa atividade, segundo Agibert⁷⁴, satirizava políticos e até mesmo o clero. Já na segunda ida ao Rio, Azevedo abandonou a caricatura e se dedicou ao teatro, fazendo figurinos com sua técnica de desenhista, e a escrever romances-folhetins e crônicas em jornais.

Entre 1881 e 1886, Aluísio Azevedo consagrou essencialmente sua atividade criativa à criação de romances-folhetins, apesar do qualificativo pouco elogioso de “Montépin gene”, que lhe dera Araripe Júnior por *Memórias de um condenado*. Ele publicou sucessivamente *Mistério da Tijuca* e *Casa de Pensão* no *Folha Nova* e, alguns meses mais tarde, *Filomena Borges*, na *Gazeta de Notícias*. *Casa de Pensão* foi publicado novamente num jornal de Ouro Preto no final de 1884. Finalmente, em 1885, *O Coruja* ocupou durante um trimestre o rodapé de *O País*.⁷⁵

O autor havia retornado ao maranhão, após a morte do pai, e retornado ao Rio de Janeiro após o sucesso de *O mulato*, em 1881. *O mulato* foi sua primeira obra naturalista e que concedeu um destaque a Aluísio, mas o primeiro a introduzir o naturalismo na nossa literatura não foi Azevedo, mas Inglês de Sousa com os romances *o cacaulista* (1876), *História de um pescador* (1876) e *O Coronel Sangrando* (1877), sob o pseudônimo de Luiz Dolzani.⁷⁶ Após *O mulato*, escreveu romances e mais alguns contos e crônicas, mas sua grande obra será *O cortiço*, publicado em 1890.

O projeto de *O cortiço*, o esboço de 1885, correspondia a um romance de 5 volumes, cujo título da obra seria *brasileiros antigos e modernos*, e os cinco volumes seriam: *Família Brasileira*, *O Felizardo*, *A loreira*, *A bola preta* e *O cortiço*. O pano de fundo era o Brasil imperial, de 1820 a 1887, e com esse conjunto de romances, Azevedo “buscava compor o quadro de uma família cujos membros, inseridos em um sistema social, teriam seus comportamentos analisados pelo prisma da fisiologia determinista e pelas leis da hereditariedade”.⁷⁷ Dos cinco, somente *O cortiço* foi publicado.

O problema dos cortiços como foco de epidemias, como local de péssimas condições de saneamento e higiene, como lugar de miséria que atrapalhavam o ideal carioca de modernização e de uma cópia de Paris, era matéria constante na imprensa. E foi esse o local escolhido como ambiente de *O cortiço*, cujo personagem principal era o próprio cortiço, “como foi localizado

⁷⁴ AGIBERT, 2010, p.13.

⁷⁵ MÉRIAN, op. Cit., p.376-377.

⁷⁶ NAZARIO, 2017, p.25.

⁷⁷ SILVA, Raquel Lima. **Transformações urbanas e psicopatologia na ficção naturalista de Aluísio Azevedo**. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2010, p.84.

posteriormente pela crítica”.⁷⁸ De acordo com Mérian⁷⁹, foi pelo fato de os cortiços estarem direto nas crônicas, que despertou a curiosidade dos leitores em ler *o cortiço*, levando a primeira edição da obra a uma tiragem de 5.000 a 5.500 exemplares, no momento do auge do Naturalismo Brasileiro.

Em seu conteúdo estava presente vários assuntos ligados às camadas sociais, tendo destaque a parte pobre da população carioca, “com sua grande variedade de vícios e depravações, conforme aponta Silva⁸⁰. E entre os vícios daquele meio, o cortiço, estava a relação homoerótica entre Pombinha e Léonie descrita pelo autor, que trazia o discurso médico no interior de sua narrativa, de acordo com as exigências metodológicas da tendência do Naturalismo, dessa forma, servindo de apoio à visão médica sobre homossexualidade feminina e aos seus objetivos, que levaram à construção de um discurso sobre a homossexual, e isso devido a sua existência, a existência de mulheres que resistiam aos padrões impostos, como o da heterossexualidade.

2. CAPÍTULO 2:

FORÇAS DE APOIO E OPOSIÇÃO NO INTERIOR DO DISCURSO DE O CORTIÇO

Parece-me que se deve entender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes, as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de forças encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas, ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais.⁸¹

Foucault entende por poder, uma correlação de forças, que podem estar em posição de apoio, formando cadeias ou redes, ou em oposição e contradição. O poder está ali nas estratégias que tomam forma nas leis, nas instituições, ou mesmo na produção de saberes e verdades. Segundo Foucault, podemos enxergar a própria oposição (resistência) no interior dos discursos de verdade, “o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e obstáculo,

⁷⁸ SILVA, 2010, p. 86.

⁷⁹ MÉRIAN, 2013, p.406.

⁸⁰ SILVA, op. Cit., p. 85.

⁸¹ FOUCAULT, 2017, p.100-101.

escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta”⁸². De acordo com o autor, devemos perguntar aos discursos quais efeitos de poder e saber eles proporcionam e qual conjuntura e qual a correlação de forças que levaram esses discursos a serem utilizados em um episódio de confronto⁸³.

O século XIX foi o período de maior produção de saberes sobre o sexo e de maior incitações a se falar sobre, ocorrendo uma mudança de estratégia em relação a tentativa de se controlar a sexualidade. “o domínio do sexo não será mais colocado, exclusivamente, sob o registro de culpa e do pecado, do excesso ou da transgressão, e sim no regime (que, aliás, nada mais é do que sua transposição) do normal e do patológico”⁸⁴. Esse século trouxe, então, um entrelaçamento entre ciência e a sexualidade, fazendo com que as verdades sobre o sexo não pudessem ser contestáveis, assim como ao transpor certas posturas ao nível patológico, poderia fazer com que os corpos pudessem ser controlados através de diagnósticos e de tratamentos.

O médico, especialmente o psiquiatra da segunda metade do século XIX, era o principal agente desse processo de controle dos corpos, sendo a quem os indivíduos se confessavam, e aquele que determinava o que era normal e o que era patológico, assim como determinava o tratamento adequado. Um discurso que ganhou apoio, adquirindo adeptos no âmbito da jurisprudência e das letras.

É possível perceber transformações, em especial a partir da segunda metade do século XIX, que levaram a uma inversão de forças, sendo necessária novas estratégias para controle dos corpos. De acordo com Foucault, deve-se atentar para o que o acontecimento tem de único e singular, o que naquele período foi diferente para que necessitassem de maior controle sobre os corpos e necessitassem modificar a estratégia.

É preciso entender por acontecimento não uma decisão, um tratado, um reino, ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada, mascarada. As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta. [...] Elas aparecem sempre na área singular do acontecimento.⁸⁵

A segunda metade do século XIX foi marcada por transformações, como a substituição da mão-de-obra escrava pelo trabalho livre e a chegada dos imigrantes, ocasionando um

⁸² Ibid., p.110.

⁸³ Ibid., p.111.

⁸⁴ Ibid., p. 76.

⁸⁵ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990, p.28.

consequente aumento populacional; a um deslocamento do campo para a cidade devido a construção das estradas de ferro, do incipiente processo de industrialização, modernização e urbanização; a falta de empregos e ao aumento do custo de vida, que levou a uma concentração de desocupados em situação de miséria, às aglomerações de casebres insalubres na capital que desejava ser a nova Paris. Um contraste entre modernização, com criações de teatros, cafés, hotéis, e uma população, em situação de miséria, vivendo em casebres insalubres. Um quadro em que:

A quebra de valores antigos foi também acelerada no campo da moral e dos costumes. Certamente, o Rio há muito deixara de ser exemplo de vida morigerada, se é que alguma vez o foi. Os altos índices de população marginal e de imigração, o desequilíbrio entre os sexos, a baixa nupcialidade, a alta taxa de nascimentos ilegítimos são testemunhos seguros de costumes mais soltos.⁸⁶

A cidade se tornou palco de intervenções dos médicos higienistas, “Os médicos falam, finalmente, em nome de um futuro para o qual a medicina trabalha e contribui decisivamente, neste futuro, imperará a ordem, desaparecerão os excessos”⁸⁷. A medicina se tornava uma aliada ao governo para o progresso da nação, “trazendo ao governo o apoio da ciência”.⁸⁸

Articulando um novo discurso sobre a sexualidade, longe de encobrir as práticas sexuais interditas, a medicina tratou de desvendá-las, resgatando-as do antigo domínio do pecado e da culpa, para traduzi-las no registro científico da saúde e da doença, do normal e do patológico.⁸⁹

E uma das práticas a ser desvendada, estava a relação sexual ou amorosa entre pessoas do mesmo sexo, prática vista como “antinatural”, que fugia do objetivo primordial de reprodução da espécie, fazendo da homossexual um objeto a ser estudado pelos médicos.

2.1 A homossexual no discurso médico

Teses dissertando sobre a menstruação e suas consequências, sobre a anatomia do corpo feminino, sobre doenças mentais, sobre histeria – doença própria ao sexo feminino -, sobre o cuidado com os filhos e o marido, sobre amamentação, sobre todas as suas fases na vida, desde a infância até a menopausa. Nada referente a mulher e ao seu ambiente escapou ao olhar médico oitocentista.⁹⁰

⁸⁶ CARVALHO, 1987, p.27.

⁸⁷ MACHADO et. al., 1978, p.255.

⁸⁸ Ibid., p. 258.

⁸⁹ NAPOLITANO, Minísia M. **O médico e a mulher:** o discurso médico sobre os vícios femininos na sociedade carioca oitocentista. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de História, Direito e Serviço Social de Franca- UNESP, Franca, 2005, p. 34.

⁹⁰ Ibid., p.58.

A sexualidade da mulher foi objeto das pesquisas médicas, igualmente tudo o que estava relacionado a ela, incluindo o seu papel e lugar na sociedade, baseados em evidências biológicas. O século XIX foi responsável pela criação do sujeito homossexual, aquele que nasceu a partir do sujeito hétero, representando o seu oposto, aquele que se encontrava em situação de desvio e de anormalidade, pois o homossexual desviava-se da imposição da heteronormatividade, quando a relação entre sexos opostos era a única aceitável, a fim de reprodução da espécie, corroborada por evidências trazidas pelas ciências naturais.

2.1.1. A “Antifísica” e o desvio de seus papéis de mãe e esposa

O direcionamento da mulher ao destino da maternidade nunca foi tão forte como na segunda metade do século XIX, passando a ser matéria ministrada nas faculdades de Medicina e, ao final do século, tornando-se já questão de ordem pública.⁹¹ Todas as práticas que levassem ao afastamento da reprodução saudável, adquirida somente através da instituição do casamento, era condenada, entre elas, a relação sexual entre o mesmo sexo, mal que acometia mulheres de boa família às mulheres consideradas imorais, sendo muito comum a prática do vício da homossexualidade pelas prostitutas.

O crescimento populacional nesse período e o conseqüente número de pessoas desocupadas e em situação de miséria era um problema ao objetivo de modernização da cidade do Rio de Janeiro e, a esse quadro, somava-se o problema dos menores abandonados à sorte, era o alto o índice de crianças rejeitadas, segundo Carvalho⁹². Era preciso estabelecer um controle das práticas sexuais condenáveis, que produziam filhos ilegítimos e os abandonavam a própria sorte, tornando-se um problema para o estado, ao mesmo tempo incentivar a prática legal, aquela da união legal do casamento, que geraria filhos com boa educação e de boa moral, gerando assim cidadãos e soldados para a nova nação. Havendo uma tentativa de transformar a mulher “em máquinas de fazer filhos, mas sobretudo, cidadãos e soldados, para o bem da pátria”.⁹³

A mortalidade infantil era outro problema a ser contornado, o número de abortos era alto, e isso pode ser verificado através da mudança referente às punições para a prática do aborto

⁹¹ DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher**. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2014, p.132.

⁹² CARVALHO, 1987, p. 18.

⁹³ DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher**. 2.ed. São Paulo: Planeta, 2014, p.133.

nos códigos criminais de 1830 e 1890. Conforme Pedro⁹⁴, a gestante que praticava o aborto, no código de 1830, não era penalizada, apenas a pessoa que realizava o procedimento em outra. Já no código de 1890, a gestante que realizasse um aborto voluntariamente, tinha pena prevista de um a cinco anos de prisão.

Entre os diversos problemas detectados, a mortalidade infantil e o ‘descaso’ com a criação dos filhos foram apontados como os mais urgentes a serem atacados pela orientação higienista, pois sendo a população uma das principais fontes de riqueza da nação, a família foi investida de uma nova função política: Produzir bons e saudáveis cidadãos.⁹⁵

Conforme Martins apontou, a família foi o alvo primeiro, era preciso estimular a procriação saudável, os cuidados com a educação, com a moral dos futuros novos cidadãos da nação, e tudo isso seria possível apenas em um núcleo saudável, o lar familiar, através da instituição do casamento.

O matrimônio se tornou uma barreira contra a imoralidade. Era a garantia de manutenção da ordem social. Teses de medicina eram publicadas, demonstrando tal preocupação: “Dos casamentos do ponto de vista higiênico”, de Frederico Augusto dos Santos Xavier, em 1876, foi uma delas. Paixões e vícios se refletiam na saúde dos filhos. Se o casal não se gostasse, a cópula podia resultar em crianças com distúrbios mentais, dizia o autor.⁹⁶

Dessa forma, tudo o que escapava ao núcleo higiênico garantido pelo casamento e a relação heterossexual, a fim de reprodução da espécie, era condenável. Podendo trazer sérias consequências para os filhos e para a mulher desviante. E a instituição do casamento, em meio a essa modernização e os novos ambientes que ofereciam todos os perigos para os vícios e para o desejo exacerbado, com seus cafés, teatros e festas, somado com a chegada de imigrantes e o rápido crescimento demográfico, sofreu as consequências e teve uma redução no índice de casamentos no período, conforme aponta carvalho:

Outro resultado importante da intensa imigração era o desequilíbrio entre os sexos. Em 1890, entre os estrangeiros, os homens eram mais que o dobro das mulheres. [...] O desequilíbrio refletia-se no índice de nupcialidade, que era apenas de 26% entre os homens brancos e café para 12,5% entre os negros em 1890. Em verdade, quanto a esse ponto tinha havido alguma melhoria em relação a 1872, mas permanecia muito

⁹⁴ PEDRO, Joana M. A publicidade da intimidade: punição e controle. In: PEDRO, Joana M.; GROSSI, Miriam P. (org.). **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1988, p.282.

⁹⁵ MARTINS, Ana Paula V. *Visões do feminino: a medicina da mulher no século XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004, p. 223.

⁹⁶ DEL PRIORE, op. Cit., p.61.

alto o número de solteiros e, portanto, muito baixo o número de famílias regularizadas.⁹⁷

Com os índices baixos de casamentos devido a desigualdade entre os sexos trazidos com a imigração e o conseqüente problema do alto número de solteiros em uma cidade de “costumes mais soltos”, não havia outra forma de a segunda metade do século XIX ser a época de uma enxurrada de teses médicas defendendo o casamento e a coito saudável, elevando o desejo exacerbado e todas as práticas sexuais fora do casamento e que fugiam da relação sexual entre sexos opostos (ideal para a procriação) à categoria da Patologia, necessitando de intervenção e tratamento, tudo em nome da ciência. A homossexual, na visão médica oitocentista, torna-se o sujeito que contraria a sua natureza, o ser desviante de suas obrigações determinadas segundo sua fisiologia: a obrigação com a reprodução da espécie e com o cuidado de seu feto desde o útero. As práticas sexuais da mulher homossexual passam a ser taxadas de vícios, colocando-a sob necessidade de intervenção.

2.1.2. As anomalias sexuais

Assim, as anomalias sexuais começaram a ser melhor descritas pelos médicos em fins do século XIX. Até então, o discurso sobre o sexo seria basicamente realizado através de dois temas contrapostos: a prostituição – sexualidade doente – e o casamento – espaço da sexualidade sadia.⁹⁸

Conforme aponta a autora, nas últimas décadas do século XIX, é perceptível uma maior ênfase aos vícios e perversões que aniquilavam a instituição saudável do casamento. Percebe-se uma mudança na estratégia de favorecer o casamento, antes, estando o discurso basicamente dividido em o casamento como lugar da sexualidade sadia, e a prostituição, outro problema derivado da imigração e crescimento das cidades, como representante da sexualidade doente. Nas últimas décadas, devido ao baixo índice de casamentos, mortalidade infantil, desigualdade entre os sexos, os médicos, em especial o psiquiatra, passaram a focar no tema das anomalias sexuais, aquelas que fugiam do padrão hétero e do ambiente saudável do casamento.

A mulher foi o principal foco a ser ministrado pelos médicos, um ser já com forte tendência à doença, como a Histeria, doença própria do sexo feminino: “a histeria é uma névrose caracterizada pela predominância do systema espinhal sobre o systema cerebral, dá

⁹⁷ CARVALHO, 1987, p. 17.

⁹⁸ NAPOLITANO, 2005, p. 66.

como uma das causas da afecção o sexo feminino”⁹⁹. A crença na inferioridade cerebral da mulher em relação ao homem também era característica desse período, contribuindo para a ideia de que a mulher já possuía um cérebro fraco e, portanto, estava mais suscetível a doenças nervosas e a loucura. De acordo com Del Priore¹⁰⁰, muitos acreditavam que a histeria era decorrente do próprio cérebro feminino ser dominado pelo útero.

Dentre as anomalias acometidas pela mulher fora de seu juízo normal, havia o vício da ninfomania, ou seja, toda manifestação sexual exacerbada pela mulher, que “consistia na entrega da mulher a todo tipo de desejos sexuais imorais e antinaturais”.¹⁰¹ Passava-se a chamar já de ninfomaníaca toda mulher que demonstrasse qualquer excesso de desejo.

Fora a classificação de ninfomaníaca, a mulher homossexual era classificada de acordo com a prática de determinados vícios próprios dessa “anormalidade”. O onanismo seria a prática da masturbação e, classificava-se em três tipos: O clitoriano a dois, caracterizado pela agitação do clitóris; o vulvo-vaginal, pela introdução do clitóris na vagina (clitoridismo), e o onanismo anal, bucal ou mamária, que seria a provocação de sensações nos seguintes órgãos.¹⁰²

O tribadismo “é a junção ou o roçar dos órgãos genitais”¹⁰³, tendo como possíveis causas, o desequilíbrio mental, uma inversão congênita ou o próprio vício. A inversão, quando a mulher assume as características físicas do sexo oposto, podia ser uma doença congênita, um problema hereditário causado por possíveis falhas no sistema glandular, já as demais mulheres que praticavam atos sexuais fora do padrão para o seu gênero, eram vistas como degeneradas morais.¹⁰⁴

Ainda havia as safistas, onde o safismo aparecia associado à “carícia mútua do clitóris, sendo invertidas as posições, cabeça de uma para os pés de outra”¹⁰⁵ ou a constituição de uma relação entre duas mulheres, onde uma é a ativa e a outra a passiva.

2.2. A Histórica: Pombinha e a sua doença dos nervos

A personagem Pombinha era uma moça virgem de boa família, de origem portuguesa, que veio parar no cortiço após a morte de seu pai, dono de uma casa de chapéus, que cometeu

⁹⁹ CORRÊA, Horácio. *Hysteria*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1878, p. 14, apud NAPOLITANO, 2005, p. 68.

¹⁰⁰ DEL PRIORE, MARY. *Histórias íntimas*. 2.ed. São Paulo: Planeta, 2014, p.91.

¹⁰¹ NAPOLITANO, 2005, p. 70.

¹⁰² *Ibid.*, p. 73.

¹⁰³ MOTT, Luiz. *O lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p.50.

¹⁰⁴ FIGARI, Carlos. *@s outras cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro: séculos XVII ao XX*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007, p.246.

¹⁰⁵ MOTT, op. Cit., p.50

suicídio após a quebra do estabelecimento. Ela e sua mãe, D. Isabel, almejavam retornar ao status social anterior através do casamento entre Pombinha e seu noivo João da Costa, que era bem empregado na casa do seu tio e, mais tarde, chegaria a sócio, restituindo a antiga posição social de ambas, contudo dependiam da chegada da primeira menstruação de Pombinha, que ainda não havia acontecido aos seus 18 anos. A mãe de Pombinha investia tudo em sua educação, a fim de conseguir esse bom casamento, sendo que era a menina que lia o jornal, escrevia as cartas para os moradores do cortiço, mas o encontro fatídico com a prostituta Léonie devido ao meio em que se encontrava, levou-a a um caminho contrário: o dos vícios e da prostituição. Sobre Pombinha, Azevedo a descreve como:

A filha era a flor do cortiço. Chamavam-lhe Pombinha. Bonita, posto que enfermeira e nervosa ao último ponto; loira, muito pálida, com uns modos de menina de boa família. A mãe não lhe permitia lavar, nem engomar, mesmo porque o médico o proibira expressamente.¹⁰⁶

Azevedo caracteriza a personagem Pombinha, a menina virgem que será corrompida pela prostituta Léonie, como enferma e “nervosa ao último ponto”, ou seja, Pombinha desde o seu nascimento era acometida pela doença dos nervos: a Histeria, doença própria do sexo feminino, de acordo com os médicos oitocentistas. Conforme Napolitano¹⁰⁷, a histeria poderia ser hereditária, cujos descendentes dos doentes, sofreriam de moléstias do sistema nervoso, como a loucura e a epilepsia, mais comum em mulheres e, na maioria das vezes, manifestava-se entre o aparecimento da menstruação e a menopausa, segundo os médicos.

A forma como Pombinha foi caracterizada desde o nascimento, como uma doente dos nervos, já indicava o possível destino de Pombinha: o da degeneração, através da consequente relação homoerótica com Léonie e o caminho da prostituição. “[...] a degeneração e a enfermidade são aplicáveis a comportamentos e morfologias variáveis que definem os(as) loucos (as), as histéricas, os(as) epiléticos (as), os (as) mendigos (as).”¹⁰⁸

[...] em sua tese “Memória sobre profilaxia da sífilis no Rio de Janeiro”, de 1890, o dr. J. M. Caminhoá já denunciava: “Inúmeros são os casos de histeria, de esgotamento nervoso, de ninfomania e outras nevroses, e até de loucura, em meninas e mocinhas que praticam o safismo e outros atos imorais, contra a natureza, com as fâmulas e ainda mais com as falsas amigas ou prostitutas clandestinas, que conseguem viver em grande intimidade com as vítimas inocentes, ou nos internatos, asilos de órfãos, etc.”¹⁰⁹

¹⁰⁶ AZEVEDO, Aluísio T. Gonçalves de. **O cortiço**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1890, p.50. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4817>>. Acesso em: 01 agosto 2019.

¹⁰⁷ NAPOLITANO, 2005, p. 67.

¹⁰⁸ FIGARI, 2007, p. 353.

¹⁰⁹ MOTT, 1987, p.44.

Conforme o excerto de tese médica trazido por Mott, é possível ver a associação da prática do safismo, próprio da relação lésbica, à histeria e outras doenças nervosas. Ser enferma do sistema nervoso, era já ser predisposta a comportamentos desviantes do quadro da normalidade e a uma super excitação, inclusive a sexual. E ainda de acordo com Napolitano¹¹⁰, os médicos oitocentistas eram unânimes em dizer que o momento mais propício para a manifestação de distúrbios mentais estava ligado ao ciclo menstrual, durante o início e fim da menstruação.

Após a relação sexual com Léonie, a menstruação de Pombinha finalmente chega, e a interpretação, à primeira vista, é a de que o próprio ato sexual entre as duas fez com que a menstruação chegasse, um reforço para sua orientação hétero “lubrificada por essa recordação, toda a sua carne ria e rejubilava-se, pressentindo delícias que lhe pareciam reservadas para mais tarde, junto de um homem amado”¹¹¹. Contudo, um olhar mais atento ao significado da menstruação para os médicos, como um período de manifestação de doenças nervosas, de maior tendência a se cometer atos imorais e vícios, pode-se ver essa chegada da menstruação não apenas como um marco de passagem para a puberdade e vida adulta, mas também como o ápice da nevrose de Pombinha, que a predispôs a cometer o vício.

O estabelecimento do primeiro catamênio representa o termómetro da perfectibilidade ou imperfeição da mulher, a reprodução mensal da hemorragia, apesar de se dar em um organismo, cujas funções se acham perfeitamente regularizadas, pode acarretar desordens nervosas e phisychicas.¹¹²

A histeria, o próprio controle do útero sobre um cérebro fraco, como muitos médicos oitocentistas acreditavam, não poderia deixar de estar ligada à menstruação, sendo essa uma descamação das paredes internas do útero quando não há fecundação, não poderia deixar de estar associada a um período de intensa manifestação de desordens nervosas e psíquicas pelos médicos oitocentistas. E para essas histéricas, a solução seria uma boa educação e o casamento.

O casamento previne a devassidão, modera a violência dos prazeres sensuais pela facilidade de satisfazê-los, faz nascer o sentimento do direito e da equidade, ensina a mulher a submeter-se voluntariamente ao doce jugo das leis, cimenta o amor da progenitura, dá em resultado indivíduos bem desenvolvidos¹¹³

¹¹⁰ NAPOLITANO, op. Cit., p. 63.

¹¹¹ AZEVEDO, 1890, p. 200.

¹¹² MAIA, Vicente José da. A menstruação na etiologia das nevroses e psicoses. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1897, p. 22 apud NAPOLITANO, 2005, p.64.

¹¹³ TORRES, Antonio Gonçalves de Lima. Breves considerações sobre o physico e o moral da mulher nas diferentes phases da sua vida. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1848, p.20 apud NAPOLITANO, 2005, p.69.

O casamento era visto como saída para tratar as doenças nervosas femininas, provavelmente por ser este o caminho para a fecundação saudável e ao destino concedido à mulher pela sua natureza e, somente através deste, poderia estar livre de cometer excessos. E Azevedo descreve o exato momento em que Pombinha torna-se pronta para a fecundação e torna-se mulher, através de um sonho que Pombinha teve embaixo de uma árvore próxima à pedreira, no qual Pombinha se encontrava nua, deitada em cima de pétalas gigantes de uma rosa e, em volta da sua nudez, iam se formando camadas ondulantes de sangue que se agitavam e desprendiam aromas de flor. Em um certo momento, uma borboleta de fogo passou a aproximar-se da rosa, e cada vez que se aproximava, Pombinha sentia um calor estranho, que aquecia o seu sangue. Pombinha suplicava à borboleta que pousasse nela, e cada vez que a borboleta se aproximava, as pétalas de rosa dilatavam. A borboleta não pousou, mas “sacudiu as asas com mais ímpeto e uma nuvem de poeira dourada desprende-se sobre a rosa, fazendo a donzela soltar gemidos e suspiros, tonta de gosto sob aquele eflúvio luminoso e fecundante.”¹¹⁴ Após Pombinha despertar, levando as mãos ao meio do corpo, percebeu sair uma onda vermelha de sangue: a chegada da menstruação e da puberdade. Nessa passagem, a fecundação estava representada pelo contato da borboleta com a flor, com o auxílio da luz solar, fonte de energia.

De acordo com Silva¹¹⁵, essa passagem para a puberdade, logo após ter tido uma experiência homoerótica com Léonie, denota a violência sofrida pelo corpo feminino, que fez descer a menstruação e, também, acarretou mudanças na vida de Pombinha, tanto no nível físico como no psíquico. Porém, a descrição feita por Aluísio indica a passagem para a puberdade e, portanto, para a fecundação e para a vida que se esperava para uma mulher: a do casamento. O autor, tendo estudado teses médicas para compor seus romances, de acordo com Mérian¹¹⁶, provavelmente tinha conhecimento dos significados em torno da menstruação, o que pensavam os médicos sobre o assunto e as consequências para as mulheres durante o ciclo menstrual. O fato de já ter descrito a Pombinha como uma moça enferma e nervosa já é um indicativo, e a chegada da menstruação logo após a experiência homoerótica com Léonie, pode ser visto como o ápice de sua nevrose, visto que a menstruação seria o período de maior manifestação de doenças nervosas e o momento mais propício para se cometer vícios e atos imorais.

¹¹⁴ AZEVEDO, 1890, p.202.

¹¹⁵ SILVA, 2010, p. 93.

¹¹⁶ MÉRIAN, 2013.

O casamento com costa seria o destino ideal para Pombinha, porém, devido ao meio que se encontrava e a sua predisposição nata ao vício, por ser uma enferma dos nervos, assim como o contato com o vício através de Léonie, traçou seu destino ao caminho da imoralidade e da contradição da sua natureza. Conforme Foucault¹¹⁷, a mulher nervosa era a imagem em negativo de mãe, cuja fecundidade regulada deveria ser assegurada com o espaço familiar.

2.3. Ativa X Passiva em Léonie e Pombinha

O safismo correspondia a uma relação entre duas mulheres, onde uma assumia a posição de ativa e a outra de passiva na relação. De acordo com Napolitano¹¹⁸, o safismo seria próprio das mulheres mundanas e das prostitutas, diferente das moças virgens que se entregavam ao vício antes do casamento, onde exerciam geralmente o vício do tribadismo ou do onanismo. Ainda segundo a autora, a análise da relação homossexual era sempre feita baseando-se na relação heterossexual, adotando, dessa forma, o mesmo modelo ativo x passivo da relação hetero.¹¹⁹

Em *O cortiço*, essa comparação com o modelo heterossexual, ao descrever uma relação entre o mesmo sexo, aparece durante a visita de Pombinha à casa da prostituta Léonie, em uma descrição da postura de Léonie logo após a chegada de Pombinha em sua casa: “sem se descuidar um instante da rapariga, tinha para ela extremas solitudes de namorado: levava-lhe comida à boca, bebia do seu copo, apertava-lhe os dedos por debaixo da mesa.”¹²⁰ Percebe-se, desse modo, uma associação de Léonie ao papel do homem da relação, ao assumir posturas de um namorado, e isso é o que podemos denominar de sistema binário dos gêneros, onde existem apenas dois gêneros que correspondem a apenas dois sexos. Butler¹²¹, afirma que essa hipótese de um sistema binário traz a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, onde o gênero reflete o sexo, portanto o gênero feminino pertenceria ao sexo feminino, somente podendo uma mulher assumir os significados culturais – o gênero – próprios do seu sexo. Ao se relacionar com o seu mesmo sexo e assumir posturas inerentes ao gênero masculino naquele período, Léonie foi associada a palavra namorado baseado em sua preferência sexual, pois estava em uma situação desviante da norma imposta da heterossexualidade, onde a única relação possível

¹¹⁷ FOUCAULT, 2017, p.113.

¹¹⁸ NAPOLITANO, 2005, p. 78.

¹¹⁹ Napolitano, 2005, p. 79.

¹²⁰ AZEVEDO, 1890, p. 193.

¹²¹ BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 26.

é a entre um macho e uma fêmea, cada um possuindo seus próprios significados culturais do que é próprio do homem e do que é próprio da mulher.

O gênero, segundo Scott, “é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”¹²², o que nos remete a pensar nos objetivos por detrás da construção dos significados e símbolos ligados aos gêneros em determinados contextos históricos. O que se esperava da mulher, na segunda metade do século XIX, era abraçar os significados em torno de seu sexo, ou seja, ser mãe e esposa, baseado na única relação possível, de acordo com a natureza, a heterossexual, única capaz de reproduzir-se. Sendo o casamento, o lugar saudável para essa reprodução e cuidado da prole, a mulher deveria ser também esposa e a que cuida do lar familiar. Portanto, associar a mulher homossexual, que se relaciona com o mesmo sexo, a comportamentos e características próprias do gênero masculino é enfatizar o seu grau de desvio, de contradição. Se a mulher foge do que se é esperado para o seu sexo, se relacionar com o sexo oposto e ser mãe, conceder características ou comportamentos inerentes ao homem, seria uma forma de demonstrar seu estado de contradição à natureza.

Os autores Silva et. al¹²³, afirmam que o mito da homossexualidade feminina com traços grosseiros e características masculinas foi abalado na obra, visto que nenhuma das personagens apresentaram tais características. A lésbica, que se travestia com roupas e atitudes masculinas, era vista como um indivíduo que sofre inversão de gênero, a invertida era apenas uma das classificações das mulheres adeptas do amor sáfico, não havia um mito da homossexualidade feminina associada a comportamentos masculinos. A inversão era vista por alguns médicos como uma doença congênita, e as demais mulheres que tinham experiência homossexual eram vistas como degeneradas e levadas à prática por possuírem deficiência em uma boa educação moral. Há algumas aparições nas teses médicas da palavra invertida associada a mulher que se desviava de seu gênero, podendo ou não assumir características masculinas, mas aparece mais como uma doença congênita. De acordo com Figari¹²⁴, a inversão se reconhece como congênita, e os demais são degenerados morais.

O gênero não pode ser visto como a inscrição cultural de significado sobre um sexo previamente dado, conforme Butler¹²⁵, visto que tanto o gênero como o sexo são construções sociais, onde um “sexo natural” foi construído e estabelecido como pré-discursivo (anterior à

¹²² SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol.20, n.2, jul./dez. 1995, p.86.

¹²³ SILVA, Marlon S. da; CAETANO, Marcio; LIMA, Carlos H. Lucas. O cortiço e a regulação científica sobre a mulher: Diálogos entre a literatura e a história. **Crítica Cultural**, v. 12, n.1, jan.\ jun. 2017, p.144.

¹²⁴ FIGARI, 2007, p.246.

¹²⁵ BUTLER, 2017, pp. 26-27.

cultura), como um dado da natureza, portanto, neutro. E quando o gênero se torna independente do sexo, ele se torna fluído, podendo “homem” e “masculino” significar tanto um corpo feminino como um masculino. As performances dos gêneros, os atos, símbolos e gestos que criam a ideia de gênero, não expressam uma “essência”, assim como não são um dado da realidade¹²⁶. A associação de Léonie a comportamentos que seriam próprios do homem e de seu gênero, é devido a essa dificuldade de se desvencilhar dessa “essência” de um sexo natural. Ao se relacionar com mulheres, Léonie acaba por assumir as posturas próprias de um homem, já que não poderia haver outra relação aceitável senão a entre um macho e uma fêmea, a heterossexual.

A comparação com o modelo da relação heterossexual aparece também na performance de Léonie, durante o ato sexual com Pombinha, onde assumirá o papel da ativa e o Pombinha o da passiva (aquela que recebe).

E, apesar dos protestos, das súplicas e até das lágrimas da infeliz, arrancou-lhe a última vestimenta, e precipitou-se contra ela, a beijar-lhe todo o corpo, a empolgar-lhe com os lábios o róseo bico do peito.

- Oh! Oh! Deixa disso! Deixa disso! Reclamava Pombinha, estorcendo-se em cócegas, e deixando ver preciosidades de nudez fresca e virginal, que enlouqueciam a prostituta.

- Que mal faz?... Estamos brincando...

- Não! Não! Balbuciou a vítima, repelindo-a.

- Sim! Sim! Insistiu Léonie, fechando-a entre os braços, como entre duas colunas e pondo em contato com o dela todo o seu corpo nu.

Pombinha arfava, relutando; mas o atrito daquelas duas grossas pommas irrequietas sobre o seu mesquinho peito de donzela impúbre, e o roçar vertiginoso daqueles cabelos ásperos e crespos nas estações mais sensitivas da sua feminilidade, acabaram por foguear-lhe a pólvora do sangue, desertando-lhe a razão ao rebate dos sentidos.¹²⁷

Nesse excerto, é perceptível a posição de ativa que Léonie assume durante o ato, assim como a de passiva da personagem Pombinha. Pombinha, em um primeiro momento, relutava a aceitar as investidas de Léonie e, logo após, se deixa levar pelo prazer e apenas recebe as carícias realizadas pela prostituta, apesar do subsequente arrependimento e culpa após o ato. Ainda nesse trecho é possível observar uma aproximação muito grande com a descrição do ato sexual entre duas mulheres pelos médicos, como a do Dr. Pires de Almeida:

[...] porque o organismo não mais podendo acudir aos repellidos appêlos sexuaes para vencer o orgasmo, as môças, lábios contra lábios, seios contra seios, pelle contra pelle, com os olhos lânguidos e o peito arquejante, procuram sucessivamente recurso, ou no

¹²⁶ Ibid., 2017, p. 241.

¹²⁷ AZEVEDO, 1890, pp.194-195.

safismo ou no tribadismo: e isso, sem nunca invadir a vagina. – tendo sempre como único campo de operação o clitóris.¹²⁸

Apesar de a tese do Dr. Pires de Almeida ser publicada em 1906, ou seja, uma data posterior à publicação de *o cortiço*, ela representa uma descrição viva das anomalias sexuais, já anteriormente abordadas nas teses médicas na segunda metade do século XIX, como safismo, o tribadismo ou o onanismo. No excerto de *O cortiço*, anteriormente citado, nota-se a aproximação com as descrições médicas através da ideia do prazer pelos seios e pelo prática do tribadismo (o roçar das vaginas): “mas o atrito daquelas duas grossas pomas irrequietas sobre o seu mesquinho peito de donzela impúbre, e o roçar vertiginoso daqueles cabelos ásperos e crespos nas estações mais sensitivas da sua feminilidade, acabaram por foguear-lhe a pólvora do sangue”.¹²⁹ Também no excerto subsequente, há a aproximação entre os dois discursos, o médico e o literário, através da animalização da mulher sáfica:

Agora, espolinhava-se toda, cerrando os dentes, fremindo-lhe a carne em crispações de espasmos; ao passo que a outra, por cima, doida de luxúria, irracional, feroz, revolteava, em corcovos de égua, bufando e relinchando.

E metia-lhe a língua tesa pela boca e pelas orelhas, e esmagava-lhe os olhos debaixo de seus beijos lubrificadas de espuma, e mordida-lhe o lóbulo dos ombros, e agarrava-lhe convulsivamente o cabelo, como se quisesse arrancá-lo aos punhados. Até que, com um assomo mais forte, devorou-a num abraço de todo o corpo, ganindo ligeiros gritos, secos, curtos, muito agudos, e afinal desabou para o lado, examine, inerte, os membros atirados num abandono de bêbado, soltando de instante a instante um soluço estrangulado.¹³⁰

Nesse trecho descritivo do ato sexual entre Pombinha e Léonie, a personagem ativa é associada à figura de uma égua, que bufa e relincha por cima de Pombinha. A animalização das relações homoeróticas e da “antifísica” era comum nas teses médicas oitocentistas, conforme aponta Napolitano: “há nas teses oitocentistas uma clara tendência em se comparar a mulher que assume o papel de ativa nas relações com suas similares entre os animais, as bestas-feras e os monstros”.¹³¹ Em uma época sob influência de teorias como o evolucionismo de Darwin ou o darwinismo social de Spencer, a animalização da mulher que cometia desvio das normas estabelecidas e que estava fora de seu equilíbrio mental, não poderia deixar de estar associada a atos animais, aqueles que estão ligados às amarras do instinto e do desejo, mais próximos da irracionalidade animal do que da racionalidade intrínseca à natureza humana.

¹²⁸ ALMEIDA, José R. Pires de. Homossexualismo (a libertinagem no Rio de Janeiro): Estudo sobre as perversões e inversões do instinto genital. Rio de Janeiro: LAEMMERT & C., 1906, pp.196-197 apud NAPOLITANO, 2005, pp. 74-75.

¹²⁹ AZEVEDO, 1890, p.195.

¹³⁰ Ibid., pp. 195-196.

¹³¹ NAPOLITANO, 2005, p. 77.

Compará-las a animais, bestas e feras, colocavam as homossexuais em um estágio inferior, em termos de evolução, aproximando-as mais do primitivo e instintivo, afastando-as do que representaria o progresso: a reprodução e criação de cidadãos de boa educação e boa moral. As tríbades, safistas e os demais desviantes eram, como apontou Napolitano¹³², “portadores de uma doença moral, que mereciam diagnóstico, profilaxia e tratamento”, estando todos aqueles, que fugiam da reprodução saudável, do casamento e da relação heterossexual, no caminho da imoralidade.

2.4. A escolha das personagens e a presença homossexual no interior do discurso de *O Cortiço*

A escolha do autor por uma jovem virgem e uma prostituta experiente não foi devido a genialidade artística de Azevedo e muito menos obra do acaso. A prostituta experiente que corrompia moças jovens e inexperientes, levando-as ao vício do safismo, era um problema presente nas teses médicas e difundido pela imprensa da segunda metade do século XIX.¹³³

As práticas homoeróticas aparecem frequentemente entrelaçadas como atributos possíveis dentro do vasto mundo da prostituição. No trabalho do dr. Francisco Ferraz de Macedo, de 1872, *Da prostituição em geral e em particular em relação ao Rio de Janeiro*, o homoerotismo é mencionado como parte da prostituição clandestina, das práticas antifísicas nas mulheres, tais como o lesbianismo, o coito contra a natureza e o onanismo[...] Em 1890, na *Memória sobre a profilaxia da sífilis no Rio de Janeiro*, o dr. J. M. Caminhoa denunciava a existência de “inúmeras” neuroses, que iam desde a histeria até a ninfomania e a loucura, entre as meninas que praticavam o “safismo” com empregadas ou com experientes prostitutas e inclusive em orfanatos e colégios internos.¹³⁴

Essa profusão de teses sobre a prostituição é obra da medicina social do período, que intervirá na cidade controlando as manifestações da sexualidade em nome de uma ciência higienista. A prostituta é o sujeito dos excessos, dos vícios, e que representa o sexo ilegítimo, contrariando o sexo legítimo do casamento e, dessa forma, tornando-se um empecilho para os objetivos de aumento populacional através de novos cidadãos de boa educação e saudáveis, aumento da taxa de nupcialidade, redução do número de abortos e da mortalidade infantil, assim como o controle dos excessos nas cidades, que a faziam se distanciar de uma Paris.

A mulher que se relacionava com outras do mesmo sexo, a homossexual, como os médicos denominavam todas aquelas que iam de desacordo com a norma da

¹³² NAPOLITANO, 2005, p.33.

¹³³ FIGARI, 2007, p.269.

¹³⁴ Ibid., p.245.

heterossexualidade, foi um dos principais alvos dos médicos higienistas, visando principalmente a manutenção do casamento, a base para realização de todos os objetivos do período. A mulher homossexual já existia desde a época colonial através da existência de inversão sexual entre mulheres tupinambás, de acordo com os registros¹³⁵. As Lésbicas também foram perseguidas pela inquisição a partir de 1591, encontrando-se vários casos de denúncias contra mulheres que realizavam práticas safistas, de acordo com os livros das *Denúncias e confissões do Santo ofício*¹³⁶. Porém, a lésbica estava agora em maior evidência na segunda metade do século XIX, e isso devido ao processo de urbanização e modernização, responsável pela criação de locais de diversão e entretenimento, caracterizando um período de maior frequência da rua e de costumes mais soltos¹³⁷; assim como o crescimento populacional e da prostituição, que teve um considerável aumento com a imigração.

O baixo meretrício das “polacas” e das “pretas” estava localizado nas ruas da Misericórdia, Dom Miguel, nos largos do Moura e do Rocio, nas Ruas do Espírito Santo, do Lavradio, do Riachuelo, de São Jorge, do Regente, do Núncio, da Conceição, em definitivo; em algumas partes do centro e sobretudo nas “zonas” da Lapa e do Mangue. A prostituição de luxo, das “francesas” (ou de cotadas mulatas), no entanto, exercia-se no famoso Palácio de Cristal, nos hotéis e pensões da Rua do Passeio, do Ouvidor, Gonçalves Dias, nas áreas do Catete, Botafogo e Jardim Botânico ou nos *rendez-vous* da Lapa e da Glória.

Encontravam-se também em *music halls* ou cafés-concertos como o *Moulin-Rouge*, na Praça Tiradentes, o *Guarda Velha*, o *Alcazar*, na Lapa, o *Cassino* e o *Parque Fluminense*, no largo do Machado, e em muitos outros cafés, confeitarias e casas de chope.¹³⁸

As polacas e as francesas surgiram através da imigração, sendo as polacas, as prostitutas pobres e igualadas às negras e portuguesas, e as francesas, as que representavam o último degrau do meretrício, envolvendo-se com pessoas da elite e influentes, não podendo ser diferente de uma cidade que desejava se tornar um espelho de Paris: “dormir com uma francesa era dormir com a própria França e ainda se sentir o mais legítimo dos franceses, como explica a historiadora Beatriz Kushnir”.¹³⁹ E é a cocote francesa de luxo, a inspiração de Aluísio Azevedo para a criação de Léonie:

Léonie, com as suas roupas exageradas e barulhentas de cocote à francesa, levantava rumor quando lá ia e punha expressões de assombro em todas as caras. O seu vestido de seda cor de aço, enfeitado de encarnado sangue de boi, curto, petulante, mostrando uns sapatinhos à moda com um salto de quatro dedos de altura; as suas luvas de vinte

¹³⁵ MOTT, 1987, p.22.

¹³⁶ Ibid., p.26.

¹³⁷ CARVALHO, 1987, p.27.

¹³⁸ FIGARI, 2007, p.268.

¹³⁹ DEL PRIORE, 2016, p.277.

botões que lhe chegavam até aos sovacos; a sua sombrinha vermelha, sumida numa nuvem de rendas cor-de-rosa e com um grande cabo cheio de arabescos extravagantes; o seu pantafaçudo chapéu de imensas abas forradas de veludo escarlate, com um pássaro inteiro grudado à copa; as suas jóias caprichosas, cintilantes de pedras finas; os seus lábios pintados de carmim; suas pálpebras tingidas de violeta; o seu cabelo artificialmente loiro.¹⁴⁰

Conforme Del Priore¹⁴¹, nem toda prostituta conhecida como francesa teria nascido na França. As francesas e as polacas começaram a chegar com a inauguração do Alcazar Francês em 1862, mas muitas também se identificavam como francesas por frequentar espaços de luxo e possuírem clientes ricos e influentes. Léonie, provavelmente, representava uma dessas “falsas francesas” devido a suas roupas “de cocote à francesa” e “o seu cabelo artificialmente loiro”. Léonie só possuía clientes ricos e da alta classe.

A prostituta Léonie também praticava o safismo, assim como as prostitutas oitocentistas, tais como a famosa Madame S.C¹⁴², que desfilava com suas amantes nas ruas do Rio de Janeiro, ou ainda a mulher barbada, prostituta negra que possuía bigode e cavanhaque, um exemplo de inversão de gênero e que praticava o tribadismo.¹⁴³ O homoerotismo feminino era escancarado pelas mulheres consideradas mundanas “as atrizes, cantoras e bailarinas e obviamente as prostitutas, como também para as escravas, o campo do pecado e do vício e , inclusive, as atividades homoeróticas mais diversas, era o que se esperava corresponder a seu “estado”.¹⁴⁴

Léonie e Pombinha foram criadas baseadas em um problema recorrente do período, difundido pelas teses médicas e imprensa: A prostituta experiente e a jovem inexperiente. Pombinha era prometida de Costa e apenas aguardava a chegada da sua menstruação para se casar. Contudo, por estar em um meio que favoreceu o contato com o mundo da prostituição, acabou desviando-se do seu destino de mulher: o casamento. Entrando em uma vida de vícios e da imoralidade. A relação entre as duas personagens e o destino de Pombinha representava o perigo da relação entre uma prostituta experiente e uma jovem: o de levar ao caminho da imoralidade e o afastamento do casamento e da reprodução saudável.

A homossexual oitocentista aparece no próprio discurso de *O Cortiço*, através do problema da prostituta experiente, adepta do vício da homossexualidade, que corrompia jovens ao vício e ao mundo da prostituição. É o que Foucault¹⁴⁵ denomina de a própria resistência no interior do discurso, cujo não teria sido criado, se o homossexual, a força em oposição, não

¹⁴⁰ AZEVEDO, 1890, p.150.

¹⁴¹ DEL PRIORE, 2016, p.277.

¹⁴² FIGARI, 2007, p.328.

¹⁴³ Ibid., p.197.

¹⁴⁴ Ibid., p.234.

¹⁴⁵ FOUCAULT, 2017.

existisse. Chartier trouxe o discurso como representação de uma realidade e não a própria realidade em si, representações que estão de acordo com as estratégias de um grupo ou mais grupos. Ver o mundo como representação, é ver que suas estruturas não são um dado da realidade, mas que são “historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem suas figuras”.¹⁴⁶ O que nos permite olhar para a descrição feita das personagens envoltas em uma relação homoerótica, no discurso de *O Cortiço*, como representação da mulher homossexual e da experiência vivida por esta, e não como um dado da realidade do período, mas sim como fruto das estratégias de um ou mais grupos na disputa pelo domínio do poder, no campo da sexualidade feminina.

2.5. Léonie e Pombinha: personagens transgressoras ou degeneradas?

As personagens são vistas como transgressoras em algumas análises da obra, como a de Chaspki¹⁴⁷, que buscou analisar as personagens femininas em *o cortiço*, levantando o seguinte questionamento: se elas são personagens previsíveis na trama ou se transgredem o patriarcalismo. De acordo com a autora, as personagens transgrediram o patriarcalismo e a hegemonia dominante, “o jogo enigmático de Aluísio de Azevedo revela ao leitor a força da mulher brasileira do século XIX”¹⁴⁸, mostrando personagens que não aceitaram imposições como a do casamento.

Pombinha descobriu que o casamento é uma opressão para a mulher. Da somatória de menina, ingenuidade e atitudes prestativas à gente pobre e analfabeta do cortiço, com a adolescente letrada, Pombinha é uma personagem emancipada face ao sistema patriarcal, patronal da sociedade brasileira da época. Pombinha tinha um casamento padronizado no modelo patriarcal. Um casamento forçado pela autoridade da mãe, cujo interesse era financeiro e de ascensão social.¹⁴⁹

Conforme a autora, Pombinha é uma personagem transgressora para época, que negou a imposição do casamento forçado, e isso devido a ser uma jovem letrada. O casamento representava o retorno à posição social de ambas, e a instrução de Pombinha fazia parte de todos os esforços da mãe para a filha conseguir esse bom casamento. Contudo, a personagem, por

¹⁴⁶ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. 2.ed. Portugal: DIFEL, 2002, p.27.

¹⁴⁷ CHAPSKI, Rita. **Revisitação do romance o cortiço, de Aluísio de Azevedo: da estética naturalista à estética tropicalista**. Dissertação (Mestrado em literatura e crítica literária), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2014.

¹⁴⁸ Ibid., p. 83.

¹⁴⁹ CHAPSKI, 2014, p.70.

estar no cortiço, entra em contato com Léonie, que a leva ao vício e ao destino de uma vida imoral. O casamento com Costa representaria o caminho positivo, o da moral, não podendo ser este visto de forma negativa pelo autor, assim como não foi a instrução de Pombinha que a fez perceber que o casamento já não a satisfazia, mas sim o contato com a Léonie e o mundo dos vícios, como é descrito na seguinte passagem:

Compreendeu como era que certos velhos respeitáveis, cujas fotografias Léonie lhe mostrara no dia que passaram juntas, deixavam-se vilmente cavalgar pela loureira, cativos e submissos, pagando a escravidão com a honra, os bens, e até com a própria vida, se a prostituta, depois de os ter esgotado, fechava-lhes o corpo.¹⁵⁰

Dessa forma, foi a influência de Léonie, que a fez ver os homens com outros olhos e o mundo da prostituição como caminho, porém, tanto a prática do vício da homossexualidade como o exercício da prostituição, não foi descrito pelo autor como algo positivo, como o próprio autor afirmou “ o passeio à casa de Léonie fizera-lhe muito mal. Trouxe de lá impressões e íntimos vexames, que nunca mais se apagariam por toda a sua vida”¹⁵¹.

Nascimento e Carvalho¹⁵², também analisam a personagem Pombinha e a associam a ideia de personagem transgressora. Os autores entendem que a personagem sofreu uma evolução sexual, visto que as características e a sexualidade presente na obra eram adversas às normas e regras da época, a de uma sociedade cristã, “preenchida pelos seus alicerces morais e repreendendo qualquer explicitação de sexualidade”¹⁵³. Os autores acreditam que Pombinha é uma personagem que transgrediu as normas vigentes e a repressão cristã da época, “em tal movimento de transgressão, ela passava a ter uma independência que não era bem vista à sociedade do século XIX, mas que explanava que a mulher não necessitava da imposição social do homem”¹⁵⁴. Percebendo a submissão masculina, a personagem teria abandonado o casamento e se tornando uma mulher independente deles, tornando-se transgressora e vencendo a repressão do período.

Para os autores, o cientificismo dos médicos foi um auxílio para a repressão, contudo, como aponta Foucault, apesar de não negar que houve repressão, afirma que o poder que exerceu sobre o corpo e o sexo “não tem a forma da lei e nem os efeitos da interdição”¹⁵⁵, e

¹⁵⁰ AZEVEDO, 1890, p.212.

¹⁵¹ Ibid., p.192.

¹⁵² NASCIMENTO, Juscelino F. de; CARVALHO, Igor kisser M. A construção e o desenvolvimento da sexualidade a partir da perspectiva da personagem Pombinha em o cortiço, de Aluísio Azevedo. **Revista Água Viva**, vol.3, Edição especial 2018.

¹⁵³ Ibid., p. 2.

¹⁵⁴ Ibid., p. 16.

¹⁵⁵ FOUCAULT, 2017, p.52.

sim, exerceu-se por meio da redução das sexualidades singulares, havendo como nunca antes um incitamento a se falar sobre o sexo, e através desse processo, os médicos puderam diagnosticar e tratar “os excessos” dos sujeitos, definindo o que estava ou não dentro do quadro da normalidade, a fim de direcionar à norma da heterossexualidade.

A personagem de Léonie também aparece de forma positiva em algumas análises, como as de Cruz et. al.¹⁵⁶ e Mendes¹⁵⁷, que apontam como motivo o status social de Léonie, que a fez isenta de estigmas e possuidora de prestígio entre os moradores do cortiço, diferente do personagem Albino. Os autores afirmam que, por esse motivo, a homossexualidade feminina talvez não fosse relevante para a sociedade da época¹⁵⁸. O Albino teria sofrido questionamentos pelos habitantes do cortiço devido à sua sexualidade, sendo alvo de estigma social, diferentemente de Léonie, que possuía prestígio perante os habitantes, e isso devido a seu poder aquisitivo, como também aponta Mendes¹⁵⁹. Porém, Léonie não aparecia com mulheres à vista de todos no cortiço, muito menos apresentava características e atitudes masculinas, exceto estando sozinha com Pombinha, diferente de Albino, que foi descrito como um sujeito afeminado.¹⁶⁰

Mendes também enxerga a prostituta naturalista de Aluísio, como uma mulher livre e feliz, contrariando o que os médicos pensavam sobre a prostituição, afirmando que “Estamos longe, no romance, da caracterização de prostitutas como mulheres arruinadas física e moralmente”¹⁶¹. O que vai de encontro com a narrativa presente na obra, onde a prostituta Léonie foi representada como um sujeito imoral, que possuía uma vida de vícios e excessos. O fato de a mãe de Pombinha chorar de desgosto cada vez que a filha saía de uma orgia, o que levou a morte de D. Isabel, pode ser visto como um indício da visão negativa da prostituição. Ou ainda a passagem: “nascida e criada no modesto lodo da estalagem, medrou logo admiravelmente na lama forte dos vícios de largo fôlego”¹⁶², que demonstra o determinismo do meio em que vivia Pombinha, o contato com o mundo dos vícios, ficando evidente a influência das teorias em voga no período, também presente nas teses médicas.

¹⁵⁶ CRUZ, Luan da; JUNIOR, Renato M. Resgala. Literatura e Homossexualidade: condição, ideologia e identidade. **Revista Philologus**, Ano 22, nº.64 Supl.: Anais do VIII SINEFIL. Rio de Janeiro: CIFEFIL, jan.\abr. 2016.

¹⁵⁷ MENDES, Leonardo. Na lama forte do vício de largo fôlego: Naturalismo e prostituição no Brasil. **Cadernos Neolatinos**, Ano IV, n. Especial. Abril de 2005.

¹⁵⁸ CRUZ et. al., 2016, p.645.

¹⁵⁹ MENDES, 2005, p.3.

¹⁶⁰ AZEVEDO, 1890, p.48.

¹⁶¹ MENDES, op. Cit., p. 5.

¹⁶² AZEVEDO, 1890, p.343.

De acordo com Mérian, “Aluísio não apresenta a prostituição como um fenômeno positivo, pelo contrário, ele o deplora. Essas moças, mesmo mudando de classe social, são vítimas da sociedade[...]”¹⁶³. A prostituta de luxo, como a francesa, poderia estar no primeiro degrau da classificação das prostitutas, mas ainda era vista negativamente pelos médicos e pela sociedade, considerada mulher imoral e responsável por má influência. Tanto que as cocotes de luxo frequentavam a confeitaria Colombo em horários diferentes das mulheres consideradas “decentes” e de boa moral, “das 14 às 17 horas, senhoras de família, às 17h30 chegavam as ‘cocotes’”.¹⁶⁴ De acordo com Figari, a prostituição era atacada e representava “um perigo para a dilapidação de fortunas e um fator de intranquilidade e perturbação das famílias”¹⁶⁵. A própria palavra prostituição, nas teses médicas, estava associada a palavras, como lodo, esgoto, decadência dentre outras¹⁶⁶, como também era considerada como lugar de obscenidade e devassidão, a prostituição era a “serpe da imoralidade”.

Além da visão transgressora e positiva em torno das personagens, há também a análise da relação entre Pombinha e Léonie baseada em uma lógica do capital. O poder do capital de Léonie sobre Pombinha é descrito por Bezerra¹⁶⁷, que defende uma análise do erotismo na obra, que esteja baseada no eixo narrativo de *O cortiço*: a acumulação de capital, tendo por referencial teórico Antônio Cândido. A relação ente Léonie e Pombinha estaria relacionada ao processo de acumulação de capital, onde a influência de Léonie sobre Pombinha ao caminho do meretrício, ocorreu devido ao seu poder aquisitivo, adquirido com os altos ganhos através do exercício da prostituição. Para o autor, o eixo narrativo da obra “é importante para revelar que não há reprodução estrita do ideário científico e estético, uma réplica do L’Assommoir ou da plataforma proto-cientificista de O Romance Experimental”¹⁶⁸. Dessa forma, o autor nega a importância do ideário científico na obra, caracterizando-a como uma autêntica obra e não uma mera obra descritiva.

A predominância do eixo narrativo baseado na acumulação de capital e não baseado em determinismos do ideário científico do período, baseia-se no desfecho do personagem João Romão, pois o dono do cortiço seria o exemplo de alguém que venceu o meio, não foi determinado pelo meio onde se encontrava. De acordo com Cândido:

¹⁶³ MÉRIAN, 2013, p. 523.

¹⁶⁴ FIGARI, 2007, p.268.

¹⁶⁵ Ibid., p.269.

¹⁶⁶ ENGEL, Magali. **Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 1989, p.86.

¹⁶⁷ BEZERRA, Vinícius P. **Fronteiras do erótico: ensaio sobre a correlação entre espaço e erotismo n’o cortiço de Aluísio Azevedo**. Dissertação (Mestrado em história social), Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2012.

¹⁶⁸ Ibid., p.75.

No começo é como se o cortiço fosse regido por lei biológica; entretanto a vontade de João Romão parece ir atenuando o ritmo espontâneo, em troca de um caráter mais mecânico de planejamento. Os dois ritmos estão sempre presentes, mas o desenvolvimento da narrativa implica o lento predomínio do segundo sobre o primeiro[...] Ele usa as forças do meio, não se submete a elas; se o fizesse perderia a possibilidade de se tornar um capitalista e se transformaria num episódio do processo natural, como acontece com seu patrício Jerônimo, o cavouqueiro hercúleo que opta pela adesão a terra e é tragado por ela.¹⁶⁹

Conforme o autor, por João Romão não se submeter às forças do meio, a lei biológica passa a ficar em segundo plano no interior da narrativa, assinalando a autenticidade de Azevedo. Contudo, através de uma análise mais minuciosa dos personagens portugueses na obra e do período estudado, podemos perceber a presença de determinismos também ligados ao personagem de João Romão. Primeiramente, há o determinismo da raça, sendo João Romão um português, tornava-o um representante da raça superior branca, o que já lhe concedia uma natural predisposição a vencer, e já o colocava em um patamar superior aos mestiços do cortiço. Porém, há o português Jerônimo, que teria deixado o meio o influenciar, e de quem Azevedo também enaltece a superioridade branca, quando elogia a sua predisposição para o trabalho, a sua boa moral que, ao contato com o meio mestiço e vicioso, regride, e o personagem é dominado pelo meio.

O que difere Jerônimo de João Romão, se ambos são de uma raça superior branca? A explicação depende de outra influência do ideário científico do período: o evolucionismo e o darwinismo social, onde os que sobrevivem são os que melhor se adaptam ao meio.

[...] o naturalista acaba fatalmente estendendo a amargura da sua reflexão à própria fonte de todas as suas leis: a natureza humana afigura-se-lhe uma selva selvaggia onde os fortes comem os fracos. Essa, a mola do cortiço. Essa, a explicação das vilanias e torpezas que “naturalmente” devem povoar a existência da gente pobre.¹⁷⁰

João Romão era um português, da raça superior branca que, somente por essa razão, já era apto a vencer, representando o progresso, bastava progredir através da acumulação de capital, característico da realidade do Brasil nas últimas décadas do período oitocentista. João Romão representava a minoria da população do Rio de Janeiro, a dos ricos comerciantes, cujo “poder e riqueza dependiam da exploração dos escravos e dos brancos pobres”¹⁷¹. E é esse fato pertencente ao período de produção da obra, que nos mostra que João Romão não é uma exceção, representa os ricos comerciantes que enriqueciam devido a exploração dos escravos ou dos brancos pobres, e que estava correspondendo ao determinismo de sua raça, de sua

¹⁶⁹ CÂNDIDO, Antônio. De cortiço a cortiço. **Novos Estudos CEBRAP**, Nº 30, v.2 - JULHO DE 1991, p.118.

¹⁷⁰ BOSI, 2003, p.191.

¹⁷¹ MÉRIAN, 2013, p. 97.

condição de rico comerciante explorador. Jerônimo, apesar de ser da raça branca, representava o branco pobre e explorado, na figura do imigrante assalariado que vende sua força de trabalho. “Nas cidades, os trabalhadores ‘livres’, geralmente imigrantes italianos e portugueses, viviam em condições semelhantes às dos pretos e mulatos”¹⁷². Dessa forma, Jerônimo não podia ascender socialmente e nem economicamente, pois sua condição de explorado não permitia. Ainda sofrendo a influência do meio, entrando em contato com a mestiça Rita, o macho de raça superior escolhido por essa, “aprendeu lascívia de macaco”¹⁷³, regrediu a seu estado primitivo, “o português abasileirou-se para sempre; fez preguiçoso, amigo das extravagâncias e dos abusos, luxurioso e ciumento; fora-se-lhe de vez o espírito da economia e da ordem; perdeu a esperança de enriquecer”¹⁷⁴.

Dessa forma, percebe-se a forte influência do cientificismo do período no interior da obra, onde os determinismos foram cruciais na criação da narrativa e para a análise dos desfechos de cada personagem. Concluindo-se que o poder do capital acaba por assumir um papel secundário na narrativa.

O passeio à casa de Léonie fizera-lhe muito mal. Trouxe de lá impressões e íntimos vexames, que nunca mais se apagariam por todo a sua vida.

A cocote recebeu-a de braços abertos, radiante com apanhá-la junto de si, naqueles divans fofos e traidores, entre todo aquele luxo extravagante e requintado, próprio para os vícios grandes.¹⁷⁵

Nesse excerto de *O cortiço*, há uma exemplificação do caráter secundário do poder do dinheiro, onde o luxo e o requinte de Léonie aparecem como facilitadores para os vícios. Inspiração em uma preocupação presente no período de produção da narrativa: a preocupação com a exibição pública do luxo pelas prostitutas e a influência que a riqueza fácil poderia causar, levando a jovens de menor poder aquisitivo ao mundo da prostituição.

Todos os dias encontram-se nas praças e passeios... as hetarias de primeira classe, insultando a pobreza honesta da filha do operário com seus deslumbrantes toilettes e faustosas equiapgens.

... o exemplo que essas infelizes oferecem às donzelas da classe inferior, que as vêem rodeadas de luxo e opulência, é por sem dúvida poderoso incentivo para que facilmente se dobrem às seduções¹⁷⁶.

¹⁷² Ibid.

¹⁷³ AZEVEDO, 1890, p. 254.

¹⁷⁴ AZEVEDO, 1890, p. 297.

¹⁷⁵ Ibid., P. 192.

¹⁷⁶ J. A. de Macedo Jr. **Da prostituição no Rio de Janeiro e da sua influência sobre a saúde pública**. Rio, tip. Americana, 1869, pp. 34-35 apud ENGEL, 1989, p. 113.

Em sua tese médica, o dr. J. Macedo aborda sobre o perigo da ostentação do luxo pelas prostitutas pelas ruas da cidade, que poderia levar jovens de baixa renda à vida da prostituição, afirmando ser o luxo, um incentivo ao vício, portanto, à decadência moral. O poder do dinheiro de Léonie é apenas um incentivo, o destino de Pombinha ao mundo dos vícios foi determinando pelo o meio, o cortiço, e pelo conseqüente contato com o mundo da prostituição. E isso pode ser exemplificado, através dos adultérios que Pombinha comete após o casamento. Pombinha possuía “natural intuição pelo o que é grande ou belo”¹⁷⁷, tudo o que seu noivo não possuía. Pombinha amava o luxo, mas também a arte, a estética, o belo. O adultério de Pombinha não se deu por uma lógica do dinheiro, visto que teve por amantes, um jogador de capoeira, um libertino e poeta, e um artista dramático.

Pombinha foi uma vítima do seu meio, onde o contato com o mundo da prostituição a levou a uma vida desregrada e imoral. E a prova disso era o determinismo que estava prestes a se manifestar novamente em seu ciclo vicioso, agora sobre Marianita, a filha de Jerônimo. Pombinha, após se tornar uma prostituta de luxo, ostentava seu luxo no cortiço e demonstrava “uma simpatia toda especial, idêntica à que noutra tempo inspirara ela própria à Léonie. A cadeia continuava e continuaria interminavelmente; o cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada”¹⁷⁸. Franco¹⁷⁹, também concorda em sua pesquisa, que envolve a análise das personagens femininas na obra, que a relação homoerótica entre Pombinha e Léonie foi produto do meio, estar no cortiço, foi o que a levou a cometer o vício, próprio daquele meio. Porém, apesar de concordar com a influência do meio no destino das personagens, o autor afirma que Aluísio quebra paradigmas, ao trazer uma narrativa descritiva da realidade vivida nessa relação homoerótica, “mostrando as mazelas da sociedade sem nada a ocultar”¹⁸⁰, dessa forma, negando as reais intenções, os objetivos por detrás tanto do discurso médico como também do realizado por Azevedo, ao trazerem a homossexual no discurso.

Zola, em o *Romance Experimental* (1880), “afirmou ser possível desvendar as ‘verdades’ dos comportamentos do homem pela análise minuciosa de seus meios sociais”¹⁸¹, inspirado no médico e fisiologista Claude Bernand (1813-1878) que, em sua *Introdução ao Estudo da Medicina Experimental* de 1865, “pretendia ter desvendado as “verdades” do corpo

¹⁷⁷ AZEVEDO, 1890, p. 341.

¹⁷⁸ AZEVEDO, 1890, p. 344.

¹⁷⁹ FRANCO, Julimar Cezario de Souza. **A emblemática figura feminina em o cortiço e Germinal**. Dissertação (Mestrado em letras), Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013, p. 70.

¹⁸⁰ Ibid., p.73

¹⁸¹ NAZARIO, 2017, p.25.

humano”.¹⁸² A análise fisiológica e do meio social dos personagens era característico da obra de Zola, e foi uma fonte de inspiração de *O Cortiço*, conforme aponta Mérian:

Seguindo as regras estabelecidas por Zola em *Romance experimental*, Aluísio Azevedo vai fazer com que os personagens evoluam em torno do cortiço, “para mostrar que a sucessão dos fatos será tal como exige o determinismo dos fatos estudados”. Ele estuda os mecanismos dessa sociedade a fim de fazer vir à tona as leis que a regem¹⁸³.

O destino dos personagens era baseado nos determinismos dos fatos observados ao seu redor, como o meio onde o personagem se encontrava, a condição social ou a sua raça, ou ainda, o seu imperativo fisiológico. Dessa forma, o que impera na relação homoerótica entre Pombinha e Léonie é o determinismo do meio (o cortiço), lodo dos vícios, ou ainda a fisiologia das personagens, como a condição enferma de Pombinha com a sua “doença dos nervos”, que a tornava suscetível ao excessos e aos vícios, como o safismo, conforme as teses médicas do período.

Azevedo tinha conhecimento das teorias filosóficas e científicas do período, de acordo com Mérian¹⁸⁴, o autor já dava provas de extenso conhecimento do ideário científico a partir de sua contribuição como jornalista para o *Jornal O Pensador*, entre 1880 a 1881. Onde o Aluísio já dissertava sobre Taine, retomava as ideias deterministas de Darwin, assim como as teorias sociais de Comte e Spencer. Azevedo também tinha conhecimentos referentes à fisiologia e às doenças nervosas¹⁸⁵. O que demonstra a importância e a influência das teorias sociais e dos conhecimentos médicos na produção de suas obras, assim como uma aproximação com o método experimental de Zola. Logo após a publicação de *O Cortiço*, Pardall Mallet, amigo de Aluísio, publicou um artigo no qual aborda sobre as similaridades entre *O Cortiço* e *L'Assommoir*, de Zola, cuja tradução foi publicada em 1877. Apesar de defender que não houve plágio, afirma a influência de Zola em Aluísio. “E assim, quasi abeberado nas fontes primitivas, o Aluísio armou-se cavaleiro com *O Mulato*, que é pelo menos a mais sentida e mais vivida de todas as suas obras. Mas, infelizmente, sujeitou-se depois a influência dos outros, e sobretudo, a influência de Zola.”¹⁸⁶. José Vêrissimo, outro importante crítico literário da época, em seu artigo *O Naturalismo na literatura brasileira*, também apontou para o fato de o Brasil ter sido

¹⁸² Ibid., p.21.

¹⁸³ MÉRIAN, 2013, p.514.

¹⁸⁴ MÉRIAN, 2013, p.479.

¹⁸⁵ Ibid., p.370.

¹⁸⁶ MALET, Pardal. *O Cortiço*, *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro: 22, 24 e 26 maio 1890 apud SILVA, Eduardo Cesar F. da. **A obra de Émile Zola no Brasil: Textos e notas para um estudo de recepção crítica**. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999, p.271.

exclusivamente influenciado por Zola, aconselhando os escritores brasileiros a serem mais originais do ponto de vista nacional.¹⁸⁷

É inegável a influência de Zola para a escrita de Azevedo, não apenas em similaridades entre as temáticas das narrativas, mas também no método de construção da narrativa, baseado na observação dos fatos naturais envolvendo os personagens, na análise de sua fisiologia ou dos determinismos do meio, cruciais para o desfecho de cada personagem.

2.6 A moral positivista de Azevedo e a sua visão sobre a homossexualidade feminina

Aluísio Azevedo era um adepto do positivismo, buscando por profundas transformações no Brasil, criticava a monarquia, o poder da igreja e o sistema baseado na mão-de-obra escrava, em suas caricaturas, crônicas jornalísticas e em seus romances. Em uma caricatura para o jornal *o Mequetrefe*, de setembro de 1877, aparece enaltecendo Auguste Comte e a ideologia positivista, sendo “a única capaz de salvar o Brasil do caos”, de acordo com Mérian¹⁸⁸.

A sua busca por transformações não estava atrelada apenas ao campo da política e da economia, mas também ao campo da moral. Em outro número de *O Mequetrefe*, de abril do mesmo ano, Aluísio afirma que a “civilização no Brasil é o vício”¹⁸⁹. Para um positivista, havia a necessidade de se estabelecer a ordem e direcionar os cidadãos brasileiros rumo ao progresso, somente adquirido com cidadãos instruídos e de boa moral. E isso devido à moral ter sido promovida a sétima ciência por Comte, considerada “a finalidade da filosofia e o ponto de partida da política”¹⁹⁰. A moral fazia parte do campo da sociologia, mas especificamente do estudo do homem, que compreendia Biologia, Sociologia e Moral¹⁹¹. Sendo assim, não apenas a obrigação com a moral tornava-se responsabilidade dos partidários positivistas, mas também o conhecimento da biologia do homem. A observação dos fatos e o descobrimento das leis efetivas consistiam na base da filosofia de Comte. A natureza possuía leis imutáveis e a missão da ciência “seria a de descobrir seu funcionamento e estabelecer uma unidade, devendo o entendimento abandonar pretensões ‘metafísicas’ de alcançar as causas primeiras ou as finais”¹⁹². E para atingir esse objetivo de superação dos estágios anteriores da cultura, o

¹⁸⁷ SILVA, 1999, p.66.

¹⁸⁸ MÉRIAN, 2013, p.109.

¹⁸⁹ Ibid., p.108.

¹⁹⁰ PETIT, Annie. História de um sistema: o positivismo comtiano. In: TRINDADE, Héliqio (org.). *O positivismo: teoria e prática: sesquicentenário da morte de Augusto comte*. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Brasília, UNESCO, 2007, p.58.

¹⁹¹ Ibid., p.59.

¹⁹² CUNHA, Newton. Os fundamentos filosóficos e científicos do naturalismo. In: GUINSBURG, J.; FARIA, João R. (org.). *O Naturalismo*. 1.ed. São Paulo: Perspectiva, 2017, p.41.

teológico e o metafísico, “deve determinar, com ajuda da biologia e da fisiologia, as leis de uma vida social[...]”.¹⁹³

Azevedo, sendo um positivista, utilizou-se dos conhecimentos médicos na composição dos seus romances, onde a fisiologia de Pombinha seria também determinante para o desfecho da personagem, pois isso era o que as leis da natureza determinavam. Ser histérica a tornava predisposta a cometer o vício da homossexualidade, conforme determinavam os médicos oitocentistas, cujas teses Aluísio estudava para compor seus romances, segundo Mérian¹⁹⁴. O romancista naturalista, além de sociólogo, foi também um médico.¹⁹⁵ Dessa forma, o que Azevedo pensava sobre a homossexualidade feminina e sobre o papel da mulher não poderia ser muito diferente do que pensavam os médicos.

Aluísio não poderia ver a prostituição de Léonie e Pombinha e a experiência homossexual senão como um caminho aos vícios e, portanto, contrário ao ideal de progresso. Os médicos enxergavam a prostituição como um entrave ao progresso, atingido através da reprodução saudável, adquirida através do casamento, único espaço saudável para criar cidadãos de boa educação e moral. “A livre manifestação do desejo é definida pelas noções de excesso de prazer e/ou ausência da finalidade reprodutora”¹⁹⁶. E a prostituição era a livre manifestação do desejo, o excesso de prazer e o afastamento da maternidade e do casamento, “Moralmente doente, a prostituta seria conduzida a escolher a esterilidade, negando-se a exercer o papel de mãe, concebido pelo médico como única função capaz de conferir um sentido à vida da mulher”.¹⁹⁷ A prostituta ainda seria a responsável por incitar jovens a cometer os vícios próprios da homossexualidade, desvirtuando jovens moças de seus devidos papéis de mãe e esposa, levando-as a uma vida de imoralidade.

Azevedo também era um defensor do espaço higiênico do casamento defendido pelos médicos. Em *O Homem*, cujo tema era a vida de uma moça histérica, a personagem Magdá, o casamento aparecia como única solução para pôr fim à doença nervosa, de acordo com sugestão do médico da família, o doutor Lobão.¹⁹⁸ A defesa do casamento, do papel de mãe e de uma boa educação aparece também em *O Mulato*, através do conselho de Raimundo a Manuel Pescada, sobre a educação de sua filha:

¹⁹³ Ibid.

¹⁹⁴ MÉRIAN, 2013.

¹⁹⁵ MOTTA, Leda T. da. Para uma epistemologia do Naturalismo. In: GUINSBURG, J.; FARIA, João R. (org.). **O Naturalismo**. 1.ed. São Paulo: Perspectiva, 2017, p.57.

¹⁹⁶ ENGEL, 1989, p.71.

¹⁹⁷ Ibid., p.83.

¹⁹⁸ MÉRIAN, 2013, pp.497-498.

[...] devia prepara-la para saber estudar a si mesma e conhecer fisiologicamente a sua constituição médica; com o que ela não se casaria, como por aí brutalmente fazem, sem estar o organismo completamente desenvolvido e o coração habilitado para compreender os seus direitos de esposa e reconhecer seus deveres de mãe; prepara-la finalmente para boa dona de casa, asseada, inteligente, forte, com o gosto cultivado, o corpo desenvolvido e o caráter acentuado, capaz de educar homens úteis, sadios e bons[...].¹⁹⁹

Nesse excerto, aparece a visão que Aluísio tinha da mulher e do seu papel da sociedade: uma mulher instruída, mãe e esposa. O centro das preocupações dos jornalistas defensores do positivismo era a família, o casamento e o papel da mulher²⁰⁰. O que pode ser exemplificado em uma das crônicas de Azevedo para o jornal *O Pensador*, em dezembro de 1880:

[...] Para extinguir essa geração danada, para purgar a humanidade dessa sífilis terrível, só há um remédio: é dar à mulher uma educação sólida e moderna, é dar à mulher essa bela educação positivista, que se baseia nas ciências naturais e tem por alvo a felicidade comum dos povos. É preciso educá-la física e moralmente, prepará-la por meios práticos e científicos para ser uma boa mãe e uma boa cidadã; torná-la consciente de seus deveres domésticos e sociológicos; predispor-lhe o organismo para a procriação, evitar a diátese nervosa como fonte de mil desgraças [...].²⁰¹

Em Sua crônica, Azevedo defende a instrução da mulher, porém uma educação positivista, visando a sua preparação para ser uma boa mãe, futura educadora de sua prole, pois esta era o benefício de uma mulher se instruir, poder passar a melhor educação àqueles que seriam os futuros cidadãos da nação, dessa forma, contribuindo para direcionar o país rumo ao caminho do progresso. A educação moral da mulher, apoiada nas leis determinadas pela ciência, era imprescindível. E a mulher homossexual caminhava em direção contrária ao progresso e aos seus devidos papéis de mulher na sociedade, era um sujeito desviante da normalidade, do caminho da boa moral, para os médicos oitocentistas. Ela não poderia ser retratada de outra forma senão como um ser imoral e desviante por Azevedo.

O tema da homossexualidade já havia aparecido em outro romance do autor: *Memórias de um condenado*, de 1882. E o tema da prostituição, assim como a relação entre uma mulher experiente e uma jovem inexperiente, também aparece em torno das personagens Ambrosina e Laura. Já nessa obra, o destino ligado à homossexualidade é trágico. Ambrosina, uma adúltera, que foge do casamento e se relaciona com uma jovem de 16 anos de idade, fazendo esta fugir da casa dos pais e partir rumo à Europa, tornando-se sua amante. Após a morte de Laura na Europa, Ambrosina retorna ao Rio de Janeiro com o título de condessa de vésper, e torna-se

¹⁹⁹ AZEVEDO, Aluísio. *O mulato*. 1º ed., p.268-269 apud MÉRIAN, 2013, p.268.

²⁰⁰ MÉRIAN, 2013, p.100.

²⁰¹ AZEVEDO, Aluísio. Crônica. *O Pensador*, São Luís do Maranhão, 10.12.1880 apud MÉRIAN, 2013, pp.159-160.

amante de luxo. Envolve-se com seu amante anterior, Gabriel, que havia se recuperado moralmente após estar longe de Ambrosina, mas que acaba novamente nas mãos da cortesã, e acaba a matando e cometendo suicídio²⁰².

Em ambas as obras, a prostituição e a imoralidade estavam ligadas à mulher homossexual, assim como também aparece o problema da influência da mulher experiente viciosa às jovens moças inexperientes. A homossexual experiente também aparece como uma mulher de excessos, e que são associadas ou tomadas por feras, bestas, como aparece na fala de Ambrosina: “Meu corpo tem hoje de mulher a forma primitiva, habita-o porém agora a alma de um demônio unissexual a quem desgostam as triviais carícias masculinas.”²⁰³ A sua preferência sexual que não corresponde ao que é determinado pelo seu sexo primitivo, é vista como algo demoníaco, ou seja, pertencente à luxúria, à volúpia, aos excessos.

Léonie possui as mesmas características: mulher de excessos, viciosa, comportamentos bestiais, prostituta experiente que corrompeu uma jovem, cujo destino do casamento já estava traçado. Pombinha, que já tinha uma predisposição fisiológica para o vício da homossexualidade, e que se encontrava em um meio onde os excessos faziam moradia, possui o mesmo destino de sua mentora, adota o exercício da prostituição, e torna-se a mensageira do vício, fazendo o mesmo com a filha de Jerônimo, que pertencia ao mesmo meio, ao cortiço, o lodo dos vícios. Os destinos das personagens, com o apoio do discurso médico, corresponderam apenas aos determinismos das leis da natureza e de sua condição social. Estratégias das forças em apoio, que para atingir seus objetivos de redirecionamento ao casamento, à reprodução e de controle sobre as manifestações da sexualidade dos corpos (do crescimento das forças de oposição), taxou a mulher homossexual como um ser desviante da normalidade, cujas práticas eram imorais e iam contra uma suposta natureza.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, se viu que a produção da obra *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo estava inserida em um período caracterizado por uma produção de saberes sobre o sexo, momento em que o homossexual e suas práticas passam a fazer parte do quadro das patologias, necessitando, dessa forma, ser colocado sob estudo e sob tratamento. Uma proliferação de saberes que

²⁰² MÉRIAN, 2013, pp.435-436.

²⁰³ MOTT, 1987, p.74.

aparecem nos campos da psiquiatria, jurisprudência e da literatura, o que fez do Naturalismo Brasileiro, palco para a inserção da temática da homossexualidade.

Em um primeiro momento desse trabalho, buscou-se identificar as transformações ocorridas nesse período, que pudessem estar ligadas ao surgimento da mulher homossexual como um problema e à necessidade de se intervir em suas práticas. Sendo constatado que esse problema estava diretamente ligado ao crescimento das cidades, processo ligado principalmente à imigração, que com o fim do tráfico negreiro em 1850 e o conseqüente aumento da necessidade de mão de obra nas lavouras de café, foi cada vez mais estimulada, sendo responsável não apenas pelo grande aumento populacional nos centros urbanos e pelo aumento da concorrência por vagas no mercado de trabalho, mas também pelo aumento da prostituição nas cidades, e foi na prostituição, que a homossexualidade feminina ganhou maior expressão. O aperfeiçoamento do sistema de transporte com a criação de ferrovias, relacionado com a demanda de café no mercado internacional, também provocou um deslocamento do campo para cidade, levando a transferência de fazendeiros para os grandes centros, o que levou a melhorias na infraestrutura desses grandes portos, como a criação de lugares para divertimentos, como teatros, cafés entre outros, que levaram a um afrouxamento dos costumes, o que estava relacionado ao aumento da intervenção sobre os corpos e ao conseqüente surgimento da medicina social, onde a medicina assume o papel de guardião da saúde pública.

Também se viu que associado a essas modificações nas cidades, estavam as transformações no campo das letras e no ideário da segunda metade do século XIX. Em meio a influência de teorias como positivismo, com sua ideia de progresso através das ciências, o evolucionismo, e os determinismos relacionados à raça, ao meio e ao momento histórico, percebeu-se na literatura um reflexo dessas teorias no surgimento do Realismo, com sua busca por objetividade e por uma descrição fiel da realidade, e no de sua tendência – O naturalismo – onde o cientificismo esteve mais presente ainda, onde a fisiologia humana e os determinismos eram cruciais para o estudo dos comportamentos humanos. E foi nesse palco que Aluísio, um positivista declarado, escolheu trabalhar com a temática da homossexualidade feminina em sua obra *O cortiço*, o meio representado como o lodo dos vícios.

Em um segundo momento desse trabalho, buscou-se analisar as forças no interior do discurso de *O cortiço*, baseado no conceito de poder em Foucault²⁰⁴, em que o autor entende por uma correlação de forças, pelos apoios que tais forças podem encontrar umas às outras, formando cadeias ou sistemas, ou ainda pelas contradições que as isolam e formam a oposição,

²⁰⁴ FOUCAULT, 2017.

representando a resistência. Dessa forma, se viu um evidente apoio ao discurso médico sobre a homossexual, sendo as teses médicas utilizadas para a construção da narrativa sobre homossexualidade feminina no interior da obra. O que pode ser constatado através da aproximação entre os dois discursos, o médico e o literário, por meio da “doença dos nervos” de Pombinha, pois a mulher histérica teria uma maior predisposição ao vício da homossexualidade, conforme apontava as teses médicas do período; por meio da caracterização da homossexual como animais, bestas ou feras; na inserção de alguns dos vícios ligados a homossexualidade, como o tribadismo (roçar das vaginas), também o prazer através dos seios²⁰⁵; na utilização da relação heterossexual como molde, a fim de se compreender a relação homossexual, transpondo a ideia de um ser ativo e outro passivo também nessa relação, como foi visto na passividade de Pombinha e nas atitudes e posturas de namorado de Léonie, que por ter relação com o mesmo sexo e não corresponder às expectativas de seu gênero – ser esposa e mãe, acabou por assumir as expectativas do sexo masculino, e isso devido a ter como base a ideia de um sexo como um dado natural, o que fazia com que a mulher tivesse que corresponder a seu destino biológico apenas: de ser mãe, o que só se tornava possível através da relação heterossexual. Sendo importante a contribuição de Butler²⁰⁶ ao trazer o sexo não como um dado da natureza, mas também como uma construção social, um elemento que não é anterior à cultura.

Também se viu que as personagens estavam longe de serem transgressoras por Azevedo, visto que o autor abraçou o discurso médico no interior de sua narrativa, não podendo ter uma visão diferente da que tinham os médicos: uma visão negativa da prostituição e da homossexualidade. Como foi apontado por este trabalho, haviam razões para isso, como os problemas do período que giravam em torno da questão da mortalidade infantil e o aumento do número de filhos ilegítimos – fora do casamento; da diminuição das taxas de casamento devido a um desequilíbrio entre os sexos, ocasionado pela imigração, havendo maior número de homens em relação às mulheres; do afrouxamento dos costumes através dos prazeres que os novos estabelecimentos nas cidades proporcionavam; o aumento da prostituição, que estava ligada não apenas ao afrouxamento dos costumes e a destruição da instituição do casamento, a não procriação de novos cidadãos saudáveis, mas também ao vício da homossexualidade, inclusive a feminina, sendo comum a prática na prostituição. Ainda também foi mostrado que a relação das personagens não poderia ser vista através da lógica do capital apenas, pois esse assume um papel secundário frente aos determinismos na obra, frente a influência do meio – o

²⁰⁵ AZEVEDO, 1890, p. 195.

²⁰⁶ BUTLER, 2017.

cortiço de São Romão, que foi descrito pelo autor como o lodo dos vícios, e onde, a partir deste, o ciclo vicioso voltava a se manifestar, fazendo nascer uma nova prostituta, agora através de Marianita, filha de Jerônimo, devido a influência de Pombinha, continuando assim a cadeia interminável²⁰⁷.

E por fim, foi identificado a força de oposição no interior do discurso, ou seja, a própria mulher homossexual, cuja existência foi o motivo de se produzir um discurso sobre homossexualidade, de acordo com Foucault²⁰⁸. E isso pode ser constatado através das evidências de que a narrativa presente na obra foi construída baseada em problemas reais do período, como o da influência das prostitutas de luxo às moças pobres ao caminho do meretrício, um caminho que podia se tornar lucrativo, e que foi um problema difundido não só em teses médicas, mas também difundido pela própria imprensa da época, como apontou Figari²⁰⁹. Um quadro que serviu de fundo para a escolha das personagens de Léonie, a prostituta de luxo experiente, e Pombinha, a moça virgem, que se encontrava na pobreza do cortiço após a falência e morte de seu pai, e que foi influenciada por Léonie ao caminho do meretrício. Também podemos enxergar o problema da prostituição ligada a homossexualidade feminina, algo que era difundido nas teses médicas do período, sendo comum a prática do safismo pelas prostitutas, que inclusive chegavam a passear com suas amantes pelas cidades do Rio de Janeiro, como apontou as pesquisas.

Dessa forma, percebeu-se que a narrativa da experiência homoerótica em *O Cortiço* é uma reprodução do ideário científico do período e um claro exemplo do que a influência do meio poderia acarretar ao comportamento humano. A experiência homoerótica aparece como uma experiência negativa e imoral, baseado no pensamento médico do período, que possuía razões e objetivos claros para enxergar a homossexualidade dessa forma, e na moral positivista de Azevedo, que provou ser um defensor da família, do casamento e da educação positivista, conforme apontam suas próprias crônicas jornalísticas²¹⁰. Uma narrativa pensada justamente devido à existência de mulheres que escapavam às tentativas de dominação, e que vivenciavam suas experiências, sua sexualidade, tornando-se um perigo aos objetivos almejados pela rede de poderes do século XIX: o cumprimento do seu destino biológico de ser esposa, mãe e educadora de sua prole.

²⁰⁷ AZEVEDO, 1890, p.344.

²⁰⁸ FOUCAULT, 2017.

²⁰⁹ FIGARI, 2007.

²¹⁰ MÉRIAN, 2013, pp.159-160.

BIBLIOGRAFIA

AGIBERT, Cibele P. **O cortiço de Aluísio Azevedo (1890):** relações entre ciência e literatura. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

AZEVEDO, Aluísio T. Gonçalves de. **O cortiço**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1890, p.50. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4817>>. Acesso em: 01 agosto 2019.

ANTUNES, José L. Ferreira. **Medicina, leis e moral:** pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

BEZERRA, Vinícius P. **Fronteiras do erótico:** ensaio sobre a correlação entre espaço e erotismo no cortiço de Aluísio Azevedo. Dissertação (Mestrado em história social), Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2012.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 41 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

BURKE, PETER. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CÂNDIDO, Antônio. De cortiço a cortiço. **Novos Estudos CEBRAP**, Nº 30, v.2 - JULHO DE 1991.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados:** O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

CHAPSKI, Rita. **Revisitação do romance o cortiço, de Aluísio de Azevedo:** da estética naturalista à estética tropicalista. Dissertação (Mestrado em literatura e crítica literária), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2014.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** Entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. 2.ed. Portugal: DIFEL, 2002.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república:** momentos decisivos. 6.ed. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1999.

CUNHA, Newton. Os fundamentos filosóficos e científicos do naturalismo. In: GUINSBURG, J.; FARIA, João R. (org.). **O Naturalismo**. 1.ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

CRUZ, Luan da; JUNIOR, Renato M. Resgala. Literatura e Homossexualidade: condição, ideologia e identidade. **Revista Philologus**, Ano 22, nº.64 Supl.: Anais do VIII SINEFIL. Rio de Janeiro: CIFEFIL, jan.\ abr. 2016.

- DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher**. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2014.
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias da gente brasileira: volume 2: Império**. São Paulo: Le Ya, 2016,
- DEL PRIORE, MARY. **Histórias íntimas**. 2.ed. São Paulo: Planeta, 2014.
- ENGEL, Magali. **Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- FIGARI, Carlos. **@s outras cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro: séculos XVII ao XX**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon. 4º ed. Rio de Janeiro/ São Paulo, Paz e Terra, 2017.
- FRANCO, Julimar Cezario de Souza. **A emblemática figura feminina em o cortiço e Germinal**. Dissertação (Mestrado em letras), Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.
- FRY, Peter. **O que é a homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.
- MACHADO, Roberto; LOUREIRO, Ângela; LUZ, Rogério; MURICY, Kátia. **Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- MARTINS, Ana Paula V. **Visões do feminino: a medicina da mulher no século XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. (Coleção História e Saúde).
- MARTINS, Guilherme G. **Vulgarização e triunfo das ciências: A imprensa científica na segunda metade do século XIX**. (Dissertação de Mestrado) em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.
- MENDES, Leonardo. Na lama forte do vício de largo fôlego: Naturalismo e prostituição no Brasil. **Cadernos Neolatinos**, Ano IV, n. Especial. Abril de 2005.
- MÉRIAN, Jean-Yves. **Aluísio Azevedo: vida e obra (1857-1913)**. Tradução de Claudia Poncioni. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional: Garamond, 2013.
- MOTTA, Leda T. da. Para uma epistemologia do Naturalismo. In: GUINSBURG, J.; FARIA, João R. (org.). **O Naturalismo**. 1.ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- MOTT, Luiz. **O lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

NASCIMENTO, Juscelino F. de; CARVALHO, Igor kisser M. A construção e o desenvolvimento da sexualidade a partir da perspectiva da personagem Pombinha em o cortiço, de Aluísio Azevedo. **Revista Água Viva**, vol.3, Edição especial 2018.

NAPOLITANO, Minisa N. **O médico e a mulher**: o discurso médico sobre os vícios femininos na sociedade carioca oitocentista. (Dissertação de mestrado) em História, Faculdade de História, Direito e Serviço Social de Franca- UNESP, Franca, 2005.

NAZARIO, Luiz. Quadro histórico do período naturalista. In: GUINSBURG, J.; FARIA, João R. (org.). **O Naturalismo**. 1.ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

OLIVEIRA, Cláudia F. de. A Homossexualidade feminina na história do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania. **Les Online**, [Lisboa], v. 7, n. 2, p. 2-19, 2015.

PEDRO, Joana M. A publicidade da intimidade: punição e controle. In: PEDRO, Joana M.; GROSSI, Miriam P. (org.). **Masculino, feminino, plural**: gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Editora Mulheres, 1988.

PETIT, Annie. História de um sistema: o positivismo comtiano. In: TRINDADE, Hégio (org.). **O positivismo**: teoria e prática: sesquicentenário da morte de Augusto comte. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Brasília, UNESCO, 2007.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol.20, n.2, jul./dez. 1995.

SIEGA, Paula R.; ALVES, Amanda S. Brancos, negros e mulatos: aspectos científicas da tipificação racial em o cortiço (1890), de Aluísio Azevedo. **Litterata**, v.7, n.1, jan.\jun. 2017.

SILVA, Eduardo Cesar F. da. **A obra de Émile Zola no Brasil**: Textos e notas para um estudo de recepção crítica. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

SILVA, Marlon S. da; CAETANO, Marcio; LIMA, Carlos H. Lucas. O cortiço e a regulação científica sobre a mulher: Diálogos entre a literatura e a história. **Crítica Cultural**, v. 12, n.1, jan.\jun. 2017.

SILVA, Raquel Lima. **Transformações urbanas e psicopatologia na ficção naturalista de Aluísio Azevedo**. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2010.

SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da história**. 2º ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.